

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-ESPAHOL**

**MICHELE DO ROCIO MIRANDA**

**A CARACTERIZAÇÃO DA MULHER NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS**

**CURITIBA**

**2009**

**MICHELE DO ROCIO MIRANDA**

**A CARACTERIZAÇÃO DA MULHER NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português-Espanhol da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português-Espanhol.

Orientador: Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> Cátia Toledo Mendonça

**CURITIBA**

**2009**

**MICHELE DO ROCIO MIRANDA**

**A CARACTERIZAÇÃO DA MULHER NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português-Espanhol, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português-Espanhol.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Cátia Toledo Mendonça  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Maria Cristina Monteiro  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

CURITIBA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

*A Leonilda, minha mãe, dedico este estudo sobre as mulheres, visto que sempre foi uma grande guerreira, mulher de valor e muita força assim como as grandes mulheres-personagens que Machado criou.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à Literatura, por ter me conquistado desde a infância e por levar-me a mundos imaginários que sempre me fazem sonhar como criança.

Agradeço ao autor Machado de Assis, por seu grande talento, trabalho e estudo relacionado às Letras e por ter elevado o Brasil e a Literatura por meio de seus escritos; agradeço-lhe também por ter enfrentado muitos preconceitos e por jamais ter deixado que as doenças físicas levassem embora o dom da escrita.

Agradeço à minha família que esteve sempre presente nos momentos mais difíceis e me deu o apoio necessário para completar este caminho acadêmico.

Agradeço em especial à minha mãe, Leonilda, que sempre foi o meu espelho, uma estrela maior em minha vida.

Agradeço à minha Professora Orientadora, Cátia Toledo Mendonça, que sempre me motivou a estudar Literatura e me auxiliou em toda a pesquisa acadêmica. Agradeço também à Professora Maria Cristina Monteiro, que foi por muito tempo a minha “leitora curiosa” criticando os meus escritos e ajudando-me a enriquecer o texto acadêmico.

Agradeço às alunas Juliana Silva Sousa, Karyme Fadel do Amaral e Thayse Betazzi Lummertz, que estiveram presentes nestes quatro anos e me ajudaram também a percorrer esta trajetória.

Agradeço a Raphael Eduardo Correa da Silva, pelo apoio e motivação durante o desenvolvimento da pesquisa acadêmica.

## A CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração de companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda humana lida,  
Fez a nossa existência apetejada  
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

## RESUMO

Este trabalho visa delinear o perfil da mulher nas crônicas machadianas, visto que esta parte de sua obra, também de grande importância, ainda é pouco estudada. Para se chegar a uma caracterização da mulher, foram analisadas duas crônicas, uma de 1861 e outra de 1871, as quais tratam deste tema. O autor também prolonga a sua reflexão elucidando a relação desta mulher com o seu meio, mais especificamente o homem. Se a mulher apresenta-se de diferentes formas de acordo com a sua realidade também suas relações e interesses serão diferentes para cada circunstância. Ao realizar a análise foram utilizadas teorias sobre a crônica, sobre o feminismo, a posição da mulher no século XIX, os principais acontecimentos revolucionários da época, a mulher dentro do modelo católico e as mulheres nas letras. Verificou-se também a relação de Machado com as mulheres em sua vida particular e assim foi possível chegar ao perfil da mulher-personagem que Machado criou em suas crônicas.

Palavras-chave: Crônica. feminismo. Machado de Assis. caracterização da mulher

## RESUMEN

El trabajo pretende delinear el perfil de las mujeres en las crónicas machadianas, visto que esta parte de su obra, también muy importante, aún es poco estudiada. Para llegarse a una caracterización de la mujer, fueron analizadas dos crónicas, una de 1861 y la otra de 1871, las cuales tratan del mismo tema. El autor también alarga su reflexión elucidando sobre la relación de esta mujer con su medio, más específicamente el hombre. Si la mujer presentase de diversas formas de acuerdo con su realidad también sus relaciones e interés serán distintas para cada situación. Al realizar la análisis fueron utilizadas teorías sobre la crónica, sobre el feminismo, la posición de la mujer en el siglo XIX, los principales acontecimientos revolucionarios de la época, la mujer en el modelo católico y las mujeres en las letras. Fue verificado también la relación de Machado con las mujeres en su vida particular y así fue posible llegar al perfil de la mujer-personaje que Machado ha criado en sus crónicas.

Palabras clave: Crónica. feminismo. Machado de Assis. Caracterización de la mujer.



## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>09</b> |
| <b>2 OS DIVERSOS OLHARES SOBRE A CRÔNICA.....</b>                   | <b>13</b> |
| 2.1 DEFININDO O GÊNERO CRÔNICA.....                                 | 13        |
| 2.2 COMO OS GRANDES “ESPIÕES DA VIDA” DEFINEM O GÊNERO CRÔNICA..... | 15        |
| 2.3 O SURGIMENTO DA CRÔNICA NO BRASIL.....                          | 16        |
| 2.4 MACHADO CRONISTA: UMA BRUXARIA POUCO CONHECIDA.....             | 17        |
| <b>3 A MULHER E O SÉC. XIX.....</b>                                 | <b>20</b> |
| 3.1 A RUPTURA DO MODELO CATÓLICO.....                               | 21        |
| <b>4 MULHERES: ESCRITORAS E OBJETO DE ESCRITA.....</b>              | <b>24</b> |
| <b>5 DELIANDO O PERFIL DA MULHER NAS CRÔNICAS MACHADIANAS.....</b>  | <b>26</b> |
| 5.1 A QUEDA QUE AS MULHERES TÊM PARA OS TOLOS.....                  | 26        |
| 5.2 BADALADAS – 22 DE OUTUBRO DE 1871.....                          | 37        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                   | <b>40</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>42</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>   | <b>44</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura é a arte da palavra. Pode-se dizer que a literatura, assim como a língua que ela utiliza, é um instrumento de comunicação e de interação social, cumprindo o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade; está vinculada à sociedade em que se origina e a todo tipo de arte, visto que o autor não consegue ser indiferente à sua realidade. O texto literário conduz o leitor a mundos imaginários, causando maior sensibilidade aos homens e aflorando-lhes a busca pelos sentidos.

Existente em todo o mundo, no Brasil a Literatura também ocupa um papel muito expressivo. Percebe-se que na Literatura, últimas décadas do séc. XX, não existe uma prática de combate, não há grupos, não há projetos coletivos, não há um adversário definido. Os modernistas de 22 combatiam o “bom gosto” burguês, os romancistas de 30 tinham a literatura como uma arma contra os desmandos políticos dos senhores de engenho, nos anos 70 o inimigo é a ditadura militar e é contra ela que se escreve. Hoje a expressão cultural do país é outra, já não há mais espaço para esses tipos de enfrentamento e o resultado disso é uma rica variedade de tendências, pois cada autor pode seguir o seu próprio caminho, sem patrulhas estéticas ou ideológicas. Como exemplo da literatura atual, temos a retomada do fantástico (gênero pouco cultivado), o jogo da reescritura (que tem rendido ótimos romances e contos), o diálogo com outras linguagens, em especial a da televisão. Há também uma volta ao campo, a cidades do interior, além de outras trilhas como as de humor, da narrativa policial, do romance histórico etc.

Dentre esta vasta riqueza literária que o Brasil construiu e ainda constrói com nossos autores contemporâneos, destaca-se um autor que é considerado senão o melhor escritor brasileiro, um dos melhores que já tivemos. Machado de Assis é o clássico máximo de nossa literatura brasileira; foi um dos maiores romancistas do nosso país, grande poeta, contista quase insuperável, admirável cronista, crítico sagaz, isso sem falar de suas incursões teatrais. De origem muito humilde, Machado era filho de uma imigrante portuguesa e de um pintor. O autor era autodidata e sofreu muito com a epilepsia, era gago, mestiço, mas superou com muita discrição todos os obstáculos físicos e sociais até alcançar, em uma fase mais madura de sua vida, a posição consensual de maior homem de letras do Brasil, que lhe pertence até

hoje. Sua obra sempre foi muito comentada e vários leitores afirmam que existe nela um grande mistério que os instiga a descobrir cada vez mais as várias faces deste autor. Segundo Miguel Sanches Neto (2008, p.39),

Machado de Assis é nosso autor mais universal, pois compreendeu como poucos a triste comédia humana, em elaboradas lições de lucidez crítica. Em sua obra, a literatura ganha, entre nós, uma dimensão filosófica ainda insuperável, ultrapassando definitivamente o domínio das futilidades românticas. A sua leitura continua sendo garantia de prazer para quem quer algo mais do que brincar com as palavras.

Machado de Assis foi um prodígio. Com origens tão humildes, conquistou o respeito e a admiração de seus contemporâneos, a glória e a imortalidade. E obteve tudo isso graças ao seu valor, ao seu esforço e à Literatura. Ele é considerado um dos maiores escritores brasileiros, pois sua obra é sempre atual e capaz de encantar leitores de todas as idades. Ela tem sido explorada por grandes estudiosos da Literatura e é composta de romances, contos, crônicas, poemas, textos teatrais e textos críticos.

Percebe-se que o gênero mais explorado em sua obra é o romance, dentre os quais se destacam “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”. Ainda há muito para ser estudado na obra de Machado de Assis, visto que este gênio surpreende a cada linha que é lida ou relida em seus textos: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”. (AGUIAR, 2008, p.78). Partindo deste mistério, que é a obra de Machado de Assis e a maneira como instiga a ser pesquisada e analisada, o gênero escolhido para ser investigado é a crônica.

Machado publicou rotineiramente crônicas ao longo de quarenta anos, tendo iniciado no Diário do Rio de Janeiro (1860), e finalizado na Gazeta de Notícias (1900). Muitos críticos apontam que a crônica desempenhou um papel muito importante na obra do autor, ajudando-o a firmar seu estilo de ficcionista. As crônicas são parte de sua obra, pouco conhecidas pelos leitores e as suas centenas de páginas de jornal ainda existem como testemunho de uma época, ou seja, um retrato do século XIX. Muito antigamente o cronista tinha a missão de relatar tudo o que acontecia no cotidiano das pessoas e de forma objetiva, sem enfeites ou ainda algo que não era literário. Mas com Machado de Assis elas ganham algo a mais, pois ele captou, buscou a crônica para o domínio da Literatura.

“Machado de Assis é considerado um grande criador de personagens femininas misteriosas, enigmáticas, dotadas de grande senso de percepção, capazes de manipular psicologicamente o mais astuto dos homens”. (BAGNO, 1998:67).

“Comparar as muitas mulheres-personagens de Machado de Assis, em temas como amor, casamento, fidelidade, adultério, resulta num quadro bastante revelador da variedade de composições que encontramos em sua obra”. (AGUIAR, 2008, p.220).

Diante das afirmações acima sobre a figura feminina nas obras de Machado de Assis, deseja-se investigar a mesma questão em outro gênero, parte também importante da obra desse autor: a crônica.

Percebe-se que Machado de Assis é de extrema importância para o Brasil e que ainda há campos inexplorados em sua obra: contos, crônicas, correspondência e poesia constituem territórios que merecem estudos mais aprofundados. A visão social de Machado é uma das linhas de força de sua ficção, pois ele levou para a sua obra a grande classe dos agregados e dominados pela oligarquia. Machado não era feminista, mas em suas obras é possível perceber uma forte presença da mulher. E é justamente em busca desta mulher, dessa caracterização expressiva que Machado deu às mulheres que esta pesquisa será realizada, buscando delinear o seu perfil. Machado vive em nossa literatura e até hoje encanta os seus leitores convidando-os a descobrir sua obra e este autor misterioso que muito chamam de “O bruxo do Cosme Velho”.

O primeiro capítulo buscará definir o gênero crônica por meio da tese de alguns autores, que também são cronistas, e da definição encontrada em dicionários literários, visto que este é um gênero que vem sofrendo alterações ao longo do tempo.

O segundo capítulo abordará um contexto do séc. XIX, buscando registrar as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade daquele tempo, bem como a situação em que a mulher se encontrava. Também será feito um breve estudo sobre o feminismo e a mulher na religião católica deste século.

O terceiro capítulo tratará das mulheres vistas como escritoras e objeto de escrita, pois foi neste momento em que elas começaram a ocupar um espaço na Literatura Brasileira.

O quarto capítulo consistirá na análise de duas crônicas de Machado de Assis, as quais abordam o tema mulher. Dessa forma será possível observar como ela é caracterizada em suas crônicas, parte de sua obra que ainda é pouco estudada.

## 2 OS DIVERSOS OLHARES SOBRE A CRÔNICA

### 2.1 DEFININDO O GÊNERO CRÔNICA

A crônica apresenta várias definições porque houve uma evolução histórica deste gênero literário. Para se chegar ao olhar cronístico de Machado, necessário se faz apresentar as definições que os dicionários, de língua portuguesa e de literatura, trazem para o gênero crônica, além de definições propostas por diversos olhares de alguns estudiosos que desenvolveram esse gênero. Observa-se no dicionário Houaiss (2001) que a crônica é definida como uma compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo. Essa definição pode satisfazer às necessidades de um leitor que busca uma resposta rápida e prática para o assunto, no entanto, para os leitores interessados em aprofundar este conceito é necessária uma reflexão muito maior, visto que este gênero vem sofrendo alterações.

O Dicionário de Termos Literários de Harry Shan (1982, p. 130) define a crônica da seguinte forma:

Derivada dum termo grego que significa tempo, a palavra crônica reporta-se a uma resenha de acontecimentos em sua ordem temporal e tem um significado vizinho de histórica. O termo crônica emprega-se, geralmente, em referência a qualquer narração sistemática de acontecimentos, com pouco ou nenhum empenho na sua análise e interpretação.

Novamente destaca-se nesta definição a palavra tempo e a função de descrever os acontecimentos conforme a sua ordem cronológica e faz-se também uma ligação com a história. É importante perceber que para esta definição o gênero crônica não tem o objetivo de realizar análises e interpretações.

Já no Dicionário de Termos Literários, Massaud Moisés (1997) conceitua a crônica preliminarmente pela abordagem etimológica: “Grego *krónos*, *tempo*; Latim *annu (m)*, ano; anua, anais. Massaud (1997) apresenta posteriormente uma explicação que ajuda o leitor a entender os processos de transformação pelos quais a crônica passou. Ele afirma que a crônica mudou de sentido ao longo dos séculos, pois no início da era cristã ela designava uma lista ou relação de acontecimentos, organizados de acordo com a sequência do tempo. Desta forma a crônica estava

entre os anais e a História, exercendo a função de registrar os eventos, sem aprofundá-los e sem dar a eles uma interpretação.

De acordo com Massaud, o gênero crônica atingiu o seu ápice na Idade Média, logo após o séc. XII, quando acercou-se do pólo histórico e a partir deste momento as obras que narravam acontecimentos com abundância de pormenores e comentários, ou situavam-se numa perspectiva individual da História, passaram a ser chamadas de “crônica”, como por exemplo as obras de Fernão Lopes no século XIV. Ao contrário deste conceito, as obras que eram simples, impessoais notações de efemérides, ou então “crônicas breves”, foram chamadas de “cronicões”; e a partir do Renascimento, séc. XVI, o termo crônica passou a ser substituído por “História”.

Observa-se que o vocábulo “crônica” entrou em uso no século XIX, assumindo uma significação moderna para designar textos que ostentam, hoje, estrita personalidade literária. Massaud (1997) afirma que a crônica teria sido inaugurada pelo francês Jean Louis Geoffroy, em 1800, no *Journal des Débats*, local em que periodicamente estampava *feuilletons*. Alguns imitadores, aparecidos depois de 1836, acabaram traduzindo o termo para “folhetim”, no entanto, a crônica principiou o seu curso normal. Desde então, o prestígio da crônica tem crescido e muitos a identificam com a própria Literatura Brasileira ou então a consideram como uma exclusividade no país. Muitos autores a cultivaram e ainda a cultivam com grande engenho, domínio e assiduidade, como é o caso de Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Humberto de Campos, Raquel de Queirós, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Henrique Pongetti e tantos outros.

Massaud (1997) afirma que a crônica caracterizada de forma moderna, via de regra, é publicada em jornal ou revista e muitas vezes é reunida em volume. Também se concentra num acontecimento diário que venha a chamar a atenção do autor. Afirma ainda que a crônica classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, que algumas vezes pode assumir a forma de alegoria, necrológico, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias, etc. Massaud (1997) ressalta que a crônica está entre a poesia (lírica) e o conto, implicando sempre uma visão que é pessoal, subjetiva, diante de um fato que é cotidiano; a crônica instigaria a veia poética do prosador ou daria a ela margem para revelar a sua qualidade de prosador. Ressalta

Massaud (1997) que para a crônica ganhar foros estéticos é necessário prevalecer o poder da recriação da realidade sobre o de mera transcrição. De acordo com o autor, a crônica está sujeita ao transitório e à leveza do jornalismo, portanto, ela existe graças aos acontecimentos diários e aos recursos de linguagem do prosador.

## 2.2 COMO OS GRANDES “ESPIÕES DA VIDA” DEFINEM O GÊNERO CRÔNICA

Para o autor Machado de Assis (1877), a crônica é definida da seguinte forma:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer o jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Jorge de Sá (1997) afirma que para Rubem Braga a crônica é o instante: “A verdade não é o tempo que passa, a verdade é o instante”. Rubem Braga, autor contemporâneo, apresenta um lirismo reflexivo e por esse motivo ocupa um lugar de destaque na história da literatura brasileira contemporânea. Para Rubem Braga, também conhecido como o espião da vida, o cronista ou o “escrivão do cotidiano” compõe um caminho que é muito claro e faz com que o leitor reencontre o prazer da leitura e aprenda a ler a história inventada dentro da sua própria história. Esse autor acredita que o cronista desenvolve uma sensibilidade especial que faz com que ele capte com maior intensidade, que as outras pessoas, os sinais da vida que rotineiramente acabam escapando, pois a pressa de viver confere ao narrador-repórter a capacidade de transferir, por meio de uma narrativa curta, por ele produzida, eliminando os excessos no ato de escrever. Para Sá (1992), o cronista Rubem Braga, em sua obra elimina as crônicas que envelheceram, porque eram excessivamente ligadas a acontecimentos datados e situados, que hoje não apresentam muita importância ao leitor, e passa a agrupar nas coletâneas apenas as crônicas que conservam o poder de provocar no leitor a reflexão.



Ainda por uma visão de Sá (1997, pg. 21), o cronista Fernando Sabino “busca o pitoresco ou o irrisório no cotidiano de cada um”. Para ele a crônica deve escolher um fato que seja capaz de reunir em si mesmo o “disperso conteúdo humano”, pois somente dessa maneira ela pode cumprir o antigo papel da literatura que é ensinar, comover e deleitar. Uma das características mais fortes da obra de Fernando Sabino é a busca do pitoresco, permitindo ao cronista captar o lado engraçado das coisas, e por meio do riso visualizar de forma mais amena as contradições que a sociedade apresenta.

Lopes (1997) mostra qual é a visão de Mário de Andrade sobre os vários traços da crônica:

Crônica, em sua origem jornalística, é o texto descompromissado de grandes ambições; não pede o artesanato exaustivo, nem o rigor na informação.

Crônica não é artigo, nem ficção. Dentro da prosa é a libertação da rigidez do gênero. Em 1942, revisitando sua produção de cronista, Mário afirma que as crônicas “mais sérias” o desgostavam, por serem “deficientes ou mal pensadas”. Não conseguiam, compreendemos, cumprir, para ele, o propósito do jornalismo e não se revelam literariamente bem realizadas. Deixavam de ser descompromissadas “conversa fiada”, importante como vivência do cotidiano, para se tornar leitura pesada, visando à assimilação. Crônica é o texto livre, “desfatigado” que pode tratar de qualquer assunto; é curto, sem ter, contudo, regras preestabelecidas para sua extensão.

Assim como Rubem Braga, Machado de Assis e Fernando Sabino, Mário de Andrade também vê no gênero crônica muito mais do que o ato de registrar os acontecimentos. Ele acredita que a crônica deve ser um texto livre, curto, sem regras e capaz de tratar sobre vários assuntos.

### 2.3 O SURGIMENTO DA CRÔNICA NO BRASIL

Sá (1997) afirma que a história da literatura no Brasil se inicia no momento histórico de seu descobrimento, o qual foi relatado em uma crônica. A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel transcreve a paisagem brasileira que despertou o entusiasmo do cronista dando-lhe matéria para construir o texto que é considerado como a nossa certidão de nascimento.

Sá (1997) explica que a carta de Caminha cumpre com o princípio básico da crônica ao registrar o circunstancial. Apresentando a realidade brasileira, Caminha rompe com os moldes literários pré-estabelecidos pela estrutura europeia, criando um texto autêntico e fiel à realidade presenciada. O foco de maior importância, quanto ao gênero literário, é a habilidade com que o autor elucida a sua experiência com os índios e seus costumes, ou seja, o choque entre a cultura europeia e nativa. Outro ponto importante, ressaltado por Sá (1997), é a fidelidade de Caminha ao relatar os fatos presenciados, construindo, assim, um texto em que todos os elementos são decisivos para formar uma unidade de relatos muito significativa para a história da nova colônia portuguesa e que tinha como objetivo informar ao rei como eram as terras descobertas.

#### 2.4 MACHADO CRONISTA: UMA BRUXARIA POUCO CONHECIDA

Machado de Assis é considerado há muito tempo como um dos maiores escritores brasileiros e há quem diga que é o maior deles. O fato é que Machado tem uma obra muito vasta, na qual se destacam os romances, mas o autor também escreveu contos, crônicas, poemas, dentre outros.

Aguiar (2008) afirma que Machado sempre quis ser lido, adorava ser lido, e queria que os leitores tivessem prazer em sua leitura. Portanto, sua escrita era de maneira clara, mas isso não quer dizer que não apresente armadilhas. Ele escrevia de forma elegante, sutil e procurava abrasileirar o idioma na Literatura, mesclando sua erudição com expressões cotidianas que são capazes de mostrar a riqueza da linguagem e as facetas do povo, como se nota no seguinte trecho:

... digo, e juro, se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio já estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa dos seus dezoito anos mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

19 de maio de 1988

Aguiar (2008) diz que nas crônicas, mais que em outros gêneros, Machado buscou a comunicação com o público, tentando atrair, cortejar e conquistar os

leitores. Na maioria das crônicas ele parte de situações cotidianas, de questões que, naquele momento, preocupavam a cidade, de fatos comentados pelos moradores nas ruas, nos lares e assim por diante. Mas Aguiar (2008) ressalta que, nas melhores crônicas de Machado, estão presentes os recursos literários ou as tão famosas “bruxarias”, característica essa que também enriquece os seus romances e contos e que torna a sua escrita mais saborosa:

Nem sempre respondo por papéis velhos: mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de São Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”. Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo:

1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a eles os seus discípulos.

2º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

(...)

9º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

(...)

12º Não acrediteis em sociedades arrebetadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com o remendo de outra cor.

13º Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

14º Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhes a última camisa.

*Sermão do Diabo*, setembro de 1893.

Na crônica acima, percebe-se que Machado de Assis possuía um grande leque de leituras sendo capaz de transformar um texto bíblico em crítica humorizada buscando contextualizar o séc. XIX. O autor expõe nesta crônica a importância do Capitalismo e a forma como este, desde aquele tempo, já influenciava a população a ponto de fazê-los seguir os mandamentos do Diabo, ou seja, do Capitalismo.

Aguiar (2008) mostra que Machado foi o grande inovador da crônica brasileira. Antigamente este gênero tinha o objetivo de registrar tudo o que acontecia em uma batalha, sem enfeitar, nem inventar, mas relatar os fatos ao rei. Machado, um tanto quanto contrário a esta definição, atende ao gênero, no entanto, traz em suas crônicas um toque de literário:

De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente); eram eles mesmos. Como eu conheço um pouco da língua dos Houyhnhnms, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difícil apanhar o diálogo.

Percebe-se no trecho citado que suas crônicas não tinham apenas o objetivo de relatar os fatos, mas de encantar os leitores e levá-los a mundos imaginários, pois como seria possível um homem comum conhecer a língua dos Houyhnhnms e traduzi-la enquanto os burros conversavam? Na verdade isso não existe, mas transforma as expectativas dos leitores, tornando-a mais saborosa, no entanto, todas as “bruxarias” não são em vão, pois sempre levam o leitor a uma reflexão partindo de situações cotidianas.

Essa é a diferença que Aguiar (2008) busca mostrar na obra de Machado, porque a crônica no Brasil em certa altura do séc. XIX passou a ser literária e isso se deve a Machado de Assis, que capturou, ou foi buscar o gênero crônica para o domínio da Literatura.

Ele afirma ainda que não há um número exato de crônicas que Machado tenha escrito, pois o seu amigo mais próximo, Mário Alencar, que organizou uma bela coletânea das crônicas em 1890, confessa que se surpreendeu ao perceber que por volta dos vinte anos de idade Machado teria começado a escrevê-las e fielmente escreveu durante quarenta anos para os jornais cariocas. A maioria das crônicas de Machado não tem título; a referência para encontrá-las é a data da publicação.

Aguiar (2008) indica as crônicas como um bom princípio para os leitores que desejam descobrir mais sobre Machado, pois hoje são um gênero bastante popular no Brasil e porque Machado é considerado o ancestral mais importante da crônica atual.

### 3 A MULHER E O SÉCULO XIX

O século XIX foi sombrio para as mulheres, para os trabalhadores e todos os que sofriam com uma sociedade extremamente machista e controladora dos menos favorecidos (operários, mulheres, crianças, indígenas e outros), mas foi neste século em que elas passaram a proferir um discurso mais expressivo na sociedade e isso se deu por meio do feminismo, o qual segundo Genevière Fraisse e Michelle Perrot (1991) tem como objetivo a igualdade dos sexos, por meio da prática de um movimento coletivo, social e político. Eles também afirmam que foram encontrados alguns escritos e gestos feministas anteriores ao século XIX e a sua prática revolucionária se dá no ano de 1789 e surge depois de 1830.

De acordo com Telles (2008, p. 401):

O século XIX foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa ocidental; mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. Foi o momento da maior abrangência do imperialismo europeu, diferente das anteriores pela escala, impacto das alterações e detalhamento da organização do poder, fato que mexeu não só com as estruturas, mas também com os detalhes da vida cotidiana: das grandes teorias científicas ou filosóficas ao modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou se dirigir ao outro.

Diante da afirmação acima, é possível perceber que o século XIX realmente foi conturbado, cheio de transformações no panorama mundial, afetando a cultura, a economia, as relações mundiais, enfim, foi um século que realmente realizou mudanças sociais. Verifica-se que, neste século, o capitalismo era tido como “selvagem”, pois atinge todas as dimensões do planeta; com o imperialismo e o colonialismo, o mercado de trabalho torna-se mundial, a concorrência agrava-se e traduz-se por crises cíclicas. E as massas sociais revoltadas conseguem duramente as leis para protegê-las.

Havia uma grande necessidade de mudar o sistema econômico e social que esmagava as famílias operárias e que se exprimiu nas teorias socialistas ou utopistas e nos movimentos sociais do séc. XIX. As mulheres constituíram uma forte e notável vanguarda nas teorias, nas lutas, assim como nas novas formas de organização social.

Neste momento histórico, o feminismo estava em alta e de acordo com Michel Perrot (1982, p. 59) “apesar da hostilidade dos socialistas em relação aos direitos femininos, as mulheres lutaram com coragem quando democratas e revolucionários passaram à ação para impor uma mudança de estruturas sociais e políticas”. Ou seja, as mulheres ocupavam um papel muito importante na luta pelas indiferenças sociais e a expressão desta revolta atingiu vários campos como a escrita, por exemplo, em que elas foram não apenas objeto de escrita, como também passaram a escrever e a publicar a sua produção. Telles (2008, p. 403) afirma que:

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do séc. XVIII e se impôs à necessidade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição.

Segundo Telles, (2008), o papel da mulher era apenas o de procriadora e educadora dos filhos. A mulher não tinha o direito de pensar, de agir e muito menos o de revolucionar e questionar a sociedade, pois este era o papel dos homens, já que as mulheres compunham o “sexo frágil”. Cansadas desta falta de igualdade, as mulheres buscavam ocupar o seu lugar na sociedade, provando que também eram tão capazes e inteligentes quanto os homens.

### 3.1 A RUPTURA DO MODELO CATÓLICO

De acordo com Michela de Giorgio (1991, p. 200), em 1866, a mais ilustre representante do feminismo italiano, Anna Maria Mozzoni, aproxima ao ideal da emancipação feminina a genealogia aristocrática em que o modelo feminino católico da Restauração havia se inspirado. Também convencido da supremacia feminina, o padre teatino Gioacchino Ventura uniu-se na nobilitação das mulheres. Dessa forma, a mulher, no final do século XVIII, passa a ser vista e aceita pela Igreja com outros olhos. Além da fragilidade do sexo, dos deveres e compromissos, o feminino passa

a ser até mesmo superior ao masculino, pois a alma é superior ao corpo, segundo a teoria de Pierre Roussel em 1775:

A fragilidade e a sensibilidade das mulheres deixam de ser tidas como efeitos negativos da relação entre o físico e moral e tornavam-se aspectos positivos do gênero. Também a alma frui da *extensão* dos sinais da feminilidade, das fibras musculares ao comportamento moral.

A mulher é tida pela Igreja como um modelo cristão de fé e perseverança, segundo Giorgio (1991, p. 201):

A identificação social feminina parece não poder prescindir dos modelos oferecidos por uma iconografia literária de sinal catolicíssimo, com uma exuberante predominância de santas.

No século XIX, os homens passam a afastar-se da igreja e os párocos lamentam, pois os homens “não comparecem”. A fé dos homens, neste período, era completamente política, enquanto a das mulheres tinha um caráter de “fato de mentalidade”, ou seja, o seu comportamento confere o sinal de uma fé plena.

Giorgio (1991), dessa forma, afirma que o catolicismo do século XIX escreve-se no feminino. Na cartografia dos principais padres franceses, após a tormenta revolucionária, percebe-se que a difusão do trabalho dominical, a fuga à missa, não observância da comunhão pascal, a prática religiosa das mulheres é muito mais intensa e regular que a dos homens. Giorgio (1991, pg. 202) aponta como prova deste fato um trecho de um livro, dirigido especialmente para as mulheres, escrito pelo benedito alemão C. Gartner, em 1814, o seguinte: “A religião, enquanto questão de sentimento está mais próxima da mulher do que do homem”.

Antes do século XIX, Giorgio (1991) mostra que as mulheres derivam de comportamentos específicos como graus de paixão, de sentimentalidade, de espírito de sacrifício, da disposição para a obediência conjugal, a submissão ao masculino e etc. Somente com a cultura católica da Restauração, com a industrialização, a urbanização, a alfabetização e a politização das mulheres é que obrigam a Igreja a adaptar-se à classificação da ciência social laica e então definir o mundo feminino, que até o presente momento era dividido e diferenciado por classes, estado civil, faixa etária e profissão.

Segundo Giorgio (1991), a Itália em 1828, é o país da catolicidade. As ruas estavam cheias de cruces e ornadas com a imagem de Maria, pois ela era a castelã

perante a qual toda a família se ajoelhava. Louise Colet, grande representante do feminismo na Itália, foi uma mulher completamente emancipada e sentia-se imersa em uma “atmosfera nativa [...] inseparável da alma deste povo”. A sua vocação contribui para o grau máximo da catolicidade que se encontra entre os italianos e italianas.

De acordo com Giorgio (1991, p. 204), é considerada como a primeira formulação do tipo “ideal” da *italiana* nacional a de Niccolo Tomaseo, que diz o seguinte:

A mulher italiana, capaz de inspiração, que sabe obedecer, capaz de dar ordens onde quer que seja necessário, é para nós garantia de um não menos duro destino. Onde os homens se revelam mais corruptos e mais fracos, as mulheres dão provas de maior coragem e melhor virtude.

Giorgio (1991), afirma que essa formulação de Niccolo Tomaseo é considerada liberal demais pela *Civiltá Cattolica*, apesar de muito boa, e aconselha a formar cristamente as almas femininas. A autora afirma ainda que na França, entre 1808 e 1880, o número de mulheres nas ordens religiosas passa de 13.000 para 130.000. Muitas delas tentavam lutar contra a tirania paterna e para ter acesso à educação. Dessa forma, excluídas da vida pública, as mulheres católicas encontraram na beneficência um espaço para desenvolver uma intensa atividade intelectual.



#### 4 MULHERES: ESCRITORAS E OBJETO DE ESCRITA

No século XIX, ainda eram poucos os leitores no Brasil, e assim afirma Machado de Assis, em suas crônicas, nas quais ele expõe que praticamente 70% dos habitantes do Brasil não sabiam ler e nem escrever. Mesmo assim, nesta época, as mulheres também ocuparam o seu lugar nas letras, escrevendo e publicando, tanto na Europa quanto nas Américas.

Elas tiveram que adquirir muito conhecimento antes de partir para a escrita, pois lhes era negada a educação superior ou qualquer outro tipo de educação que não fosse a das prendas domésticas.

As mulheres encontraram muitas dificuldades no início de sua liberdade, pois conforme afirma Norma Telles (2008. pg. 406), Nísia Floresta traduziu um dos livros da escritora inglesa Mary Wollstonecraft “Direito das mulheres e injustiça dos homens” que diz:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens [...]. Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar.

A ignorância em que as mulheres eram mantidas cria um círculo vicioso, pois se a mulher não tivesse instrução, não estava apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela.

Segundo Telles (2008), apesar de muitas limitações, a escritora Nísia Floresta consegue ocupar o seu espaço nas letras tendo muita repercussão e sendo mencionada como exemplo por escritoras até o final de séc. XIX, porque poucas mulheres conseguiam publicar obras durante as primeiras décadas.

Neste século, as mulheres envolvidas em ações políticas não eram vistas com bons olhos. Dentre as interpretações literárias, a respeito dessas mulheres armadas, denunciavam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, concluíam que as mulheres eram incapazes para a política e que as manifestações não passavam de diversões passageiras de meninas tidas como teimosas e revoltosas que queriam se sobre sair às outras. Várias mulheres se envolveram na Revolução

Farroupilha do Rio Grande do Sul, em 1834, algumas distribuíam manifestações favoráveis a um ou outro lado, e como exemplo tem-se Ana de Brandas e Maria Josefa Barreto.

Telles (2008), afirma que as mulheres, para ocupar o seu espaço e adquirir seus direitos, teriam que romper com os padrões, matar a imagem de “anjo do lar”, a mulher submissa ao marido, e enfrentar a discriminação e até mesmo a imagem de monstro que lhe foi criada, justamente pela presença da rebeldia e da desobediência. Mesmo assim, as mulheres do séc. XIX escreveram e muito desde os “cadernos goiabada”, como denomina a escritora contemporânea Lygia Fagundes Telles, até os romances, jornais e polêmicas.

Na carreira das letras a conquista do território da escrita foi e ainda é difícil segundo afirmam escritoras como Hilda Hilst e Rachel Jardim. Mas foi graças a estas mulheres e a luta travada desde Nísia Floresta que elas não tiveram medo do que os outros iriam dizer e tentaram livrar-se da tirania do alfabeto, o qual tiveram primeiro que desvendar e depois compreender os mecanismos de dominação que ele continha.

De acordo Maria Cristina Magalhães Castello (2000), as mulheres foram e são objeto de escrita e é possível citar a sua presença nas obras de autores importantes como: José de Alencar, com a personagem Lúcia; Machado de Assis, com Capitu; Graciliano Ramos, com Madalena e Clarice Lispector, com Macabéa. Todas estas personagens deixam transparecer, claro que cada uma a seu modo e em seu tempo, sinais da transgressão gerada em um universo feminino como resposta aos séculos de submissão a que as mulheres foram submetidas. Todas elas são personagens que povoam o imaginário da humanidade, e sua simbologia leva à reflexão e ao prazer, pois as mulheres contraditórias são Lúcias; fugidias, imprevisíveis e misteriosas são Capitus; as inacabadas que se rebelam e procuram o seu próprio fim, são Madalenas e as que desmistificam a ideologia de sua própria representação são Macabéas. Estas mulheres representam e refletem os papéis destinados à mulher no universo literário, em que se pode tratar um esquema ao redor da transformação do papel feminino marcado dentro do universo patriarcal até chegar ao novo século em que a mulher conquista territórios, libertando os antigos moldes e padrões, obtendo uma imagem independente, com direito ao poder, à voz e à vida.

## 5 DELINEANDO O PERFIL DA MULHER NAS CRÔNICAS MACHADIANAS

Para a realização desta análise foram lidas 210 crônicas, as quais fazem parte da “Obra Completa” de Machado de Assis. Sabe-se que algumas de suas crônicas foram perdidas ao longo do tempo porque eram publicadas em jornais e somente mais tarde foram reunidas em volumes.

Após a leitura das crônicas foram escolhidas apenas duas que tratavam diretamente sobre o tema mulher, são elas: “Queda que as mulheres têm para os tolos” e “Badaladas - 22 de outubro de 1871” (anexo A e anexo B).

Machado de Assis é considerado um grande criador de personagens femininas e foi possível perceber que a figura da mulher forte e independente também está presente em suas crônicas, além dos Romances. Nas crônicas verifica-se que Machado era um autor totalmente ligado ao seu tempo e à observância de uma futura modernidade que ele anunciava em seus escritos, pois criticava a escravidão, tratava de assuntos como o Império, a República, criticava os padrões da Igreja Católica, enfim, ele não era nem contrário nem conforme a moral; os seus narradores ao mesmo tempo em que descreviam a vida e o psicológico das personagens também se utilizavam de uma “voz reflexiva” que buscava criticar tudo aquilo que era tido como “certo” pelos padrões sociais.

### 5.1 QUEDA QUE AS MULHERES TÊM PARA OS TOLOS

A primeira crônica analisada é a intitulada “Queda que as mulheres têm para os tolos” de 1861. Machado de Assis inicia o texto de uma forma que é muito característica em seus romances, pois o primeiro capítulo chama-se “ADVERTÊNCIA”, no qual ele explica ao leitor que o “livro”, na verdade crônica, é breve: “Este livro é curto, e talvez deve sê-lo mais. Desejo que ele agrade como me sai das mãos; mas é com pesar que me vanglorio por esta obra” (ASSIS, 1938, p. 169).

Ele dialoga com leitor desejando-lhe que a leitura seja boa, que possa agradar e explica ainda que o assunto a ser tratado é o amor das mulheres pelos tolos e para isto ele não pretende em nenhum momento ser autêntico, pois ao realizar várias leituras, de diversos autores, ele resolve uni-las para chegar então a uma conclusão sobre o assunto. Essa apresentação que o autor faz no princípio da crônica recorda um dos primeiros capítulos do Romance “Dom Casmurro” o qual é intitulado “Do livro” e o autor o utiliza com o mesmo objetivo de explicar porque está escrevendo aquele determinado texto.

No trecho a seguir Machado afirma que falar sobre a queda que as mulheres têm para os tolos não é um assunto original, no entanto, ele busca reunir vários pensamentos e colocar o seu estilo crítico em prática; nisso consiste a sua originalidade, a forma realista com que busca ver os acontecimentos cotidianos:

Diz-se que a matéria é rica e fecunda; eu acrescento que ela tem sido tratada por muitos. Se tenho, pois, a pretensão de ser breve, não tenho a de ser original. Contento-me em repetir o que se disse antes de mim; minhas páginas conscienciosas são um resumo de muitos e valiosos escritos.

O autor deixa claro que a crônica tem o objetivo de exaltar os homens tolos e criticar os homens de espírito que somente no decorrer da leitura ele apresentará. Esta é outra característica forte de Machado, pois está sempre presente em seus textos um enigma que o leitor só poderá descobrir no decorrer da leitura:

Quanto à imparcialidade que presidiu a redação deste trabalho, creio que ninguém a porá em dúvida. Exalto os tolos sem rancor, e se critico os homens de espírito, é com um desinteresse, cuja extensão facilmente se compreenderá.

No primeiro capítulo da crônica o autor reflete sobre a transição que ocorre entre a menina que se torna mulher e busca descobrir se as mulheres utilizam-se dos mesmos cuidados que tem ao escolher uma fita no momento de escolher os seus amados:

Passa em julgado que as mulheres lêem de cadeira em matéria de fazendas, pérolas e rendas, e que, desde que adotam uma fita, deve-se crer que a essa escolha presidiram motivos plausíveis. Partindo deste princípio, entraram os filósofos a indagar se elas mantinham o mesmo cuidado na escolha de um amante, ou de um marido.

Após muitos estudos, Machado chega à conclusão de que as mulheres escolhem os seus amados com muito conhecimento, pois comparam, examinam e verificam o que é melhor para as suas vidas e somente então elas decidem pelos homens que o autor considera “tolos”.

Hoje, graças a Deus, a verdade se descobriu: veio-se a saber que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nele a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é... a toleima!

No segundo capítulo da crônica o autor faz um apanhado histórico sobre as mulheres que tiveram queda pelos tolos:

Desde a mais remota antiguidade, sempre as mulheres tiveram a sua queda para os tolos. Alcibíades, Sócrates e Platão foram sacrificados por ela aos presumidos do tempo. Turenne, la Rochefoucauld, Racine e Molière, foram traídos por suas amantes, que se entregaram a basbaques notórios. No século passado, todas as boas fortunas foram reservadas aos pequenos abades. Estribados nesses ilustres exemplos, as nossas contemporâneas continuam a idolatrar os descendentes dos ídolos das avós.

Machado explica que os homens que nascem com a qualidade da “toleima” conseguem alcançar grandes posições na sociedade, pois sabem se expressar, sabem escrever e sabem encantar:

Desgraçadamente, ninguém pode, por sua própria vontade, gozar das vantagens da toleima. A toleima é mais do que uma superioridade ordinária: é um dom, é uma graça, é um selo divino. “O tolo não se faz, nasce feito”. (...) O tolo é abençoado do céu pelo fato de ser tolo, e é pelo fato de ser tolo, que lhe vem a certeza de que qualquer carreira que tome, há de chegar felizmente ao termo. Nunca solicita empregos, os aceita em virtude do direito que lhe é próprio: nominatum léo. Ignora o que é ser corrido ou desdenhado; onde quer que chegue, é festejado como conviva que se espera.

As mulheres caem muito facilmente nas armadilhas preparadas pelos tolos e esta proeza deixa os homens de espírito ou homens de valor abaixo na competição amorosa:

Mulher alguma resistiu nunca a um tolo. Nenhum homem de espírito teve ainda impunemente um parvo como rival. Por quê?... Há necessidade de perguntar por quê? Em questão de amor, o paralelo a estabelecer entre o tolo e o homem de siso não é para a confusão do último?

Machado de Assis, neste trecho, reconhece o valor das mulheres e qualifica-as como seres de grande pureza. Aponta também ricas qualidades atribuídas aos homens de espírito e mostra o motivo pelo qual os considera melhores que os tolos:

Em matéria de amor, deixa-se o homem de espírito embalar as estranhas ilusões. As mulheres são, para ele, entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias idéias, supões-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como eles, de generosidade, nobreza e grandeza.

Afirma ainda que para realmente conquistar uma mulher o homem deve considerá-la acima de qualquer vulgaridade: “Imagina que para agradar-lhes é preciso ter qualidades acima do vulgar”.

Machado caracteriza os homens de espírito como tímidos e incapazes de dizer palavras de amor, porém eles expressam os sentimentos por meio dos cuidados que têm com as damas:

Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito o torna desconfiado, indeciso, atormentado. Respeitoso até a timidez, não ousa exprimir o seu amor em palavras; o exala por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e atenções delicadas.

Segundo o autor, os homens de espírito não perseguem as mulheres e nem tentam prendê-las, mas procuram fazê-las felizes em sua presença e somente quando se ausentam da amada é que choram por amor:

Como nada quer à custa de uma indignidade, não se conserva continuamente ao pé daquela que ama, não a persegue, não a fatiga com a sua presença. Para interessá-la em suas mágoas, não toma ares sombrios e tristes; pelo contrário, esforça-se por ser sempre bom, afetuoso e alegre junto dela. Quando se retira da sua presença, é que mostra o que sofre, e derrama as suas lágrimas em segredo.

Os homens tolos não apresentam as mesmas qualidades dos homens de espírito, pois a sua autoconfiança vai além do sofrimento amoroso, ou seja, o amor próprio é maior que o sentimento pelo outro:

O tolo, porém, não tem desses escrúpulos. A intrépida opinião que ele tem de si próprio o reveste de sangue frio e segurança. Satisfeito de si, nada lhe paralisa a audácia. Mostra a todos que ama, e solicita com instância provas

de amor. Para fazer-se notar daquela que ama, importuna-a, acompanha-a nas ruas, vigia-a nas igrejas e espia-as nos espetáculos. Arma-lhe laços grosseiros. À mesa, oferece-lhe uma fruta para comerem ambos, ou passa-lhe misteriosamente com muito jeito um bilhete de amores. Aperta-lhe a mão ao dançar e saca-lhe o ramalhete de flores no fim do baile. Numa noite de partida, diz-lhe dez vezes ao ouvido: “Como é bela!”, porquanto o instinto lhe revela que é pela adulação que se alcançam as mulheres, bem como se as perde, tal qual como acontece com os reis.

Machado critica os homens tolos por serem superficiais e viverem de aparências, pois para eles o amor nada pode transformar: “De resto, como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continua como antes a dissipá-lo nos jogos, nos salões e nos passeios”.

No capítulo IV o autor define o amor:

O amor, disse alguém, é uma jornada, cujo ponto de partida é o sentimento e cujo termo inevitável, a sensação. Se isto é verdade, o que há de fazer é embelecer a estrada e chegar o mais tarde possível ao fim.

O autor novamente questiona o leitor ou as leitoras que lerão a crônica e exalta mais uma vez a qualidade dos homens de espírito:

Ora, quem melhor que o homem de espírito sabe parolar à beira do caminho, parar e colher flores, sentar-se às sombras frescas, recitar aventuras e procurar desvios e delongas? Um caracol de cabelos mal arranjado, um comprimento menos apressado que de costume, um som de voz discordante, uma palavra mal escolhida, tudo lhe é pretexto para demorar os passos e prolongar os prazeres da viagem.

No seguinte trecho da crônica, ainda no capítulo IV, Machado de Assis critica as mulheres por não saberem dar valor aos homens de espírito:

Mas quantas mulheres apreciam esses castos manejos e compreendem o encanto dessas paradas à borda de uma veia límpida que reflete o céu? Elas querem amor, qualquer que seja a sua natureza, e o que o tolo lhes oferece é o bastante, por mais insípido que seja.

No capítulo V o autor mostra como é o sentimento amoroso do homem de espírito:

O homem de espírito, quando chega a fazer-se amar, não goza de uma felicidade completa. Atemorizado com a sua ventura, trata antes de saber por que é feliz. Pergunta por que e como é amado; se, para uma amante, ele é uma necessidade ou um passatempo; se ela cedeu a um amor invencível; enfim, se é amado por si mesmo. Cria ele próprio e com engenho as suas mágoas e cuidados; é como o sibarita que, deitado em um

leito de flores, sentia-se incomodado pela dobra de uma folha de rosa. Num olhar, numa palavra, num gesto, acha mil nuanças imperceptíveis, desde que se trata de interpretá-las contra si. Esquece os encômios que levemente o tocam, para lembrar-se somente de uma observação feita ao menor dos seus defeitos e que o tortura bastante. Mas, em compensação desses tormentos, há no seu amor tanto encanto e delícias! Como estuda, como extrai, como saboreia as volúpias mais fugitivas até a última essência! Como a sua sensibilidade especial sabe descobrir o encanto das criancices frívolas, dos invisíveis atrativos, dos nada adoráveis!

Ainda no capítulo V Machado também revela como é o amor dos tolos:

O tolo é um amante sempre contente e tranqüilo. Tem tão robusta confiança nos seus predicados, que, antes de ter provas, já mostra a certeza de ser amado. E assim, deve ser. Em sua opinião, faz uma grande honra à mulher a quem dedica os seus eflúvios. Não lhe deve felicidade; ele é que lhe dá e como tudo o leva a exagerar o benefício, não lhe vem à idéia de que se possam ter ingratidões para fatuidade. Mas como, em definitivo, é ele próprio o objeto de seu culto, depressa o tolo se aborrece, e como o amor para ele não é mais que um entretenimento que passa, os últimos favores, longe de o engrandecerem mais, desligam-no pela saciedade.

Machado explica o que significa o amor para os homens de espírito:

O homem de espírito vê no amor um grande e sério negócio, ocupa-se dele como do mais grave interesse de sua vida, sem distração, nem reserva. Pode perder nele algumas das suas qualidades viris, mas é para crescer em abnegação, em dedicação e bondade. Suporta tudo daquela que ama, sem nada exigir dela. Quando ela atende a alguns dos seus votos, quando previne alguns dos seus desejos, longe de ensoberbecer-se, agradece com uma efusão mesclada de surpresa. Perdoa-lhe generosamente todos os males que lhe causa, porque, muito orgulhoso para enraivecer-se ou lastimar-se, não sabe provocar, nem a piedade que entenece, nem o medo que faz calar.

As atitudes dos homens tolos são facilmente reconhecidas no trecho a seguir, pois é comum até hoje esse tipo de atitude vinda de homens vazios e sem real valor na vida das mulheres:

Mostra uma cruel indiferença, indicando pouca confiança nas provas de simpatia que se lhe dão. Num baile, proibindo à sua amante de dançar, não faz caso dela de propósito. Aflige-a com aparências de infidelidade, falta à hora marcada para se encontrarem, ou, depois de se ter feito esperar, vem dando desculpas equívocas de sua demora. Hábil em semear a inquietação e o susto, faz-se obedecer à força de ser, e acaba por inspirar uma afeição sincera à força de promovê-la.

O homem de espírito dá grande importância ao amor:



O homem de espírito, assustado com o vácuo imenso, que deixa no coração uma afeição que se perde, só rompe o laço que o prende à causa de dilacerações interiores.

O trecho a seguir serve como uma anunciação do que Machado viveria ao final de sua vida, logo após a perda de sua esposa, Carolina, e explicita o quão forte é o amor de um homem de espírito:

De resto, a mulher, a quem ele tiver revelado o segredo do seu coração, ficará sempre para ele como ser aparte. Não a esquece nunca. Morto, ou separado, nutre por aquela que perdeu longas saudades. Perseguido pela lembrança que dela conserva, descobre muitas vezes que as outras mulheres por quem se apaixona só têm o mérito de se parecerem com ela. Dá-se ele então a comparações que o desvairam, que o irritam, que o põem fora de si, exigindo no seu trajar, no seu andar até no seu falar, alguma cousa que lhe recorde o seu implacável ideal. E se é ele o abandonado, de que torturas sofre! Viver sem ser amado parece-lhe intolerável. Nada pode consolá-lo ou distraí-lo. No caso de tornar a ver os sítios que foram testemunhas da sua felicidade, evoca, à sua memória, mil circunstâncias perseverantes e cruéis.

Machado faz um comparativo mostrando que o homem tolo não é capaz de viver intensamente um amor:

O tolo está acima dessas misérias. Não o assusta um futuro prenhe de qualquer inquietação aflitiva. Sempre acobertado pela bandeira de inconstância, desfaz-se de uma amante sem luta, nem remorso; utiliza uma traição para voar a novas aventuras. Para ele, nada há de terrível em uma separação, porque nunca supõe que se possa colocar a vida numa vida alheia, e que se fazendo um hábito dessa comunidade de existência, faz-se pouco novamente sofrer, quando ela tiver de quebrar-se. Da mulher, que deixa de amar, ele só conserva o nome, como o veterano conserva o nome de uma batalha para glorificar-se, ajuntando-o ao número de suas campanhas.

No capítulo VIII é possível perceber o valor que Machado de Assis atribui às mulheres e também o quanto as admirava:

Há uma época em que se custa muito amar. Tendo visto e estudado um pouco a mulher, adquire-se uma certa dureza que permite aproximar-se sem perigo das mais belas e sedutoras. Confessa-se sem reboço a admiração que ela inspira, mas é uma admiração de artista, um entusiasmo sem ternura. Além disso, se ganha uma penetração cruel para ver, através de todos os artifícios de casquilha o que vale a submissão que ela ostenta, a doçura que afeta, a ignorância que finge.

No capítulo IX, o autor mostra que os homens de espírito são capazes de viver um

grande amor, mas apresentam dificuldades para colocá-lo em prática:

O homem de espírito é o menos hábil para escrever a uma mulher... Quer ser reservado e parece frio; quer dizer o que espera e indica o receio; confessa que nada tem para agradar, e é apanhado pela palavra. Comete o crime de não ser comum ou vulgar. As suas cartas saem do coração e não da cabeça; têm o estilo simples, claro e límpido, contendo apenas alguns detalhes tocantes. Mas é exatamente o que faz com que elas não sejam lidas, nem compreendidas. São cartas decentes, quando as pedem estúpidas.

Já o homem tolo apresenta-se espertíssimo na arte da escrita e da conquista amorosa:

O tolo é fortíssimo em correspondência amorosa e tem consciência disso. Longe de recuar diante da remessa de uma carta, é muitas vezes por aí que ele começa. Tem uma coleção de cartas prontas para todos os graus de paixão. Alega nelas, em linguagem brusca, o ardor de sua chama; a cada palavra repete: meu anjo, eu vos adoro. As suas fórmulas são enfáticas e chatas; nada que indique uma personalidade. Não faz suspeitar excentricidade ou poesia; é o quanto basta; sendo medíocre e ridículo, tanto melhor. Efetivamente, o pai da menina escrevia assim; a própria menina não esperava outra cousa. Todos estão satisfeitos, até afinados. Que querem mais?

No capítulo X, Machado mostra como os homens de espírito são vistos pelas mulheres:

Enfim, o homem de espírito, em vista do que é, inspira às mulheres uma secreta repulsa. Elas se admiram com o ver tímido, acanham-se com o ver delicado, humilham-se com o vê-lo distinto. Por muito que ele faça para descer até ela, nunca consegue fazê-las perder o acanhamento; choca-as, incomoda-as, e esse acanhamento, de que ele é causa, torna frias as conversações mais indiferentes, afasta a familiaridade e assusta a inclinação prestes a nascer.

E também faz uma comparação, mostrando como os tolos são vistos por elas:

Mas o tolo não atrapalha, nem ofusca as mulheres. Desde a primeira entrevista, ele as anima e fraterniza-se com ela. Eleva-se sem acanhamento nas conversas mais insulsas, palra e requebra-se com ela. Compreende-as e a elas o compreendem. Longe de se sentirem deslocadas na sua companhia, elas a procuram, porque brilham nela. Podem, diante dele, absorver todos os assuntos e conversar sobre tudo, inocentemente, sem conseqüência.

No capítulo XI, Machado apresenta uma conclusão para a crônica:

Compreende-se, por este curto esboço, como e quanto diferem os tolos e os homens de espírito nos seus meios de sedução. A conclusão final é que os tolos triunfam, e os homens de espírito falham, resultado importante e deplorável, nesta matéria sobre tudo.

O capítulo XII é uma sugestão para os homens de espírito, pois se perdem dos tolos apenas por não saberem encantar as mulheres, então, é com eles que devem aprender esta mágica amorosa de encantamento:

Depois de ter indagado as causas da felicidade dos tolos, e da desgraça dos homens de espírito: perderemos tempo precioso em acusar as mulheres? Não hesitamos em deitar as culpas sobre os homens de espírito, como fez o profundo Champcenets. Porque não estudam os tolos, diz-lhes este autor, para conseguir imitá-los? Há de custar-vos muito fazer um tal papel: mas há proveito sem o fazer? E depois, quando assim sois a isso obrigado, visto como não vos dão outro meio de solução, querer subtrair o belo sexo ao império dos tolos, descortinando-lhe a perversidade do seu gosto, é cousa em que ninguém deve pensar, é uma loucura; seria o mesmo que querer mudar a natureza, ou contrariar a fatalidade. (anexo 1)

Machado de Assis cita o autor Champcenets para criticar as mulheres que ainda estão presas a mundos fantásticos, no qual tudo termina em um final feliz e perfeito. Machado sempre quis mais das mulheres e não foi à toa que criou uma personagem feminina como Capitu. Inteligente, esperta, rápida, envolvente, sedutora e apaixonante:

Porquanto, ficai sabendo, continua Champcenets, que as mulheres não são senhoras de si próprias; que nela tudo é instinto ou temperamento, e que, portanto, elas não podem ser culpadas de suas preferências. Só respondemos pelo que praticamos com intenção e discernimento. Ora, qual delas pode dizer que predileção a impele, que paixão a obriga, que sentimento a faz ingrata, ou que vingança lhe dita malignidades? Debalde procurareis nelas tão cruel prodígio; nenhuma é cúmplice do mal que causa; a este respeito, o seu estouvamento atesta-lhes a candura. Porque vos obstinais em pedir-lhes o que a Providência não lhes deu? Elas se apresentam belas, apetitosas e cegas: não vos basta isto? Querê-las com juízo, penetrantes e sensíveis é não conhecê-las. Procurais as mulheres nas mulheres, admirai-lhes a figura elegante e flexível, afagai-lhes os cabelos, beijai-lhes as mãos mimosas; mas tomai como um brinquedo o seu desdém, aceitai os seus ultrajes sem azedume, e às suas cóleras mostrai indiferença. Para conquistar esses entes frágeis e ligeiros, é preciso atordoá-los pelo rumor dos vossos louvores, pelo fasto do vosso vestuário, pela publicidade das vossas homenagens.

No capítulo XIII, Machado termina a crônica afirmando: “Sim, sim, é de mister ousar tudo para com as mulheres”.

O autor acrescenta que é necessário da parte dos homens de espírito fazer tudo e de tudo para conquistar as mulheres. Muitas vezes aos olhos do homem é muito difícil compreender a mulher, as suas vontades, os seus desejos e o que esperam realmente de um homem. Nesta crônica Machado critica os homens que têm ótimas qualidades e virtudes, no entanto, deixam-se ser passados para trás pelos tolos, somente porque estes apresentam características que muitas vezes fascinam uma mulher, como, por exemplo, escrever uma bela carta de amor. Machado de Assis, como em outros escritos, critica as mulheres que ainda estão fortemente ligadas ao Romantismo e esperam que os finais sejam sempre felizes, que os homens saibam fazer mágicas amorosas para encantar-lhes. De fato, o amor é um encanto entre os sujeitos, mas é necessário aceitar a realidade para tornar o amor verdadeiro. O autor cobra nesta crônica algo a mais das mulheres, visto que no século XIX elas já podiam escolher os seus maridos, queria então que esta escolha fosse da maneira mais inteligente possível, verdadeira e intensa. Cobra também mais interesse e força por parte dos homens de espírito no momento da conquista, pois sendo eles seres tão bons, sensíveis e até mesmo angelicais para com as mulheres, por que não investir de tudo um pouco para conquistá-las? Mostra-se nesta crônica, que as mulheres são diferentes dos homens, em gênero, sexo e atitudes, mas que ao mesmo tempo possuem equivalência, pois foi ela, a mulher, criada para o homem e dele gerada, ou seja, Machado demonstra não ser feminista, mas reconhece o valor da mulher e seu grau de igualdade com o homem.

Outro ponto a ser questionado é o fato desta crônica ser dividida em treze capítulos, quando este gênero geralmente apresenta-se como uma escrita curta e breve, a qual relata fatos cotidianos. Seria o texto realmente uma crônica? Certamente o é, mesmo apesar de ser composta de tantos capítulos e tantas explicações, Machado não deixa em nenhum momento de atender ao gênero. O texto relata uma situação presente no cotidiano do século XIX, critica os acontecimentos e até dá conselhos aos homens. Conversa com o leitor, critica a sociedade e seus padrões e acima de tudo traz-lhe um toque literário, porque não apenas relata os fatos, como um jornalista que não pode expressar os seus sentimentos, mas envolve o leitor, utiliza-se das palavras para expressar o que se passa revoltosamente desde as suas entranhas à fervura de sua não concordância com a falta de habilidade que os homens de espírito têm.

Machado aprendeu as artimanhas do amor. Tinha ao seu lado uma grande mulher,

acredita-se que seja esse o motivo pelo qual ele criou grandes personagens femininas. Até hoje pouco se sabe sobre a intimidade do casal, Joaquim Maria Machado de Assis e Carolina Augusta Xavier de Novais, mas o que se conta sobre eles é que eram muito discretos no relacionamento; ela era portuguesa, irmã do poeta Faustino Xavier de Novais, que era amigo de Machado. Contrariando os moldes da época, era uma moça muito bem instruída, tinha paixão pela leitura e em Portugal relacionava-se com grandes nomes da Literatura, contato esse que mais tarde viria a influenciar as leituras de autores portugueses que Machado faria, como por exemplo, Camilo Castelo Branco. Na época, algumas pessoas comentavam que ela chegava a ajudá-lo na revisão gramatical de seus textos originais e acredita-se que tenha vindo ao Brasil devido a uma desilusão amorosa. Foi tão apaixonado por Carolina que após sua morte, abateu-se cada vez mais, agravando as crises de epilepsia. Machado escreveu em uma carta ao amigo Mário Alencar o seguinte:

Foi-se a melhor parte da minha vida e aqui estou só no mundo... Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará. (AGUIAR, 2008, pg. 55)

Como poderia um autor como Machado de Assis não reconhecer o grande valor que as mulheres têm, tendo ele amado tanto a uma mulher como Carolina? O trecho desta carta de Machado, ao final de sua vida, recorda em muito as palavras de Bento Santiago no momento em que explica o motivo pelo qual escreve o livro “Dom Casmurro” e a mesma intensidade de amor que ela tinha por Capitu, mulher que ele jamais esquecera:

Vivo só com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me produzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu (...)  
Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem da mocidade...  
Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela

nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo. (ASSIS, 2002. pg. 7)  
 Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os olhos de cigana oblíqua e dissimulada. (ASSIS, 2002. pg. 185)

Machado de Assis construiu toda a sua obra de ficção sobre os mistérios do amor e o ciúme que dele nasce. São mistérios que todos os leitores, apaixonados ou não, com certeza querem descobrir. Portanto, falar sobre o amor pelas mulheres em suas crônicas com certeza também é um fato concreto e cabível nesta outra parte de sua obra.

## 5.2 BADALADAS – 22 DE OUTUBRO DE 1871

A segunda crônica a ser analisada é a intitulada “22 de outubro de 1871”. Para a análise desta é necessário compreender que o feminismo veio a surgir no séc. XIX e Machado também descreve este acontecimento em suas crônicas.

Na crônica de 22 de outubro de 1871, sob o pseudônimo de Dr. Semana, Machado inicia o texto falando sobre o discurso de um deputado que, em Niterói, teria criticado o Vaticano e o Santo Papa. Machado diz que por meio deste discurso poderia ocorrer uma guerra entre o Brasil e a Itália, mas graças aos vínculos que nunca tiveram isso não aconteceria, pois o assunto era grave.

Neste trecho a seguir o autor começa a mostrar que o Catolicismo era extremamente forte na Itália, muito presente em todo o mundo, e que esse discurso atacaria todos os católicos. Outro trecho do diálogo comprova o ataque ao Catolicismo:

Ô divino Cristo, que pensarás tu ao ouvir esta resposta? Dizias uma necessidade quando afirmavas que contra a tua Igreja não prevaleceriam as portas do inferno. Estavas em erro, meu divino Cristo. A força da tua Igreja não vem da tua doutrina; vem de alguns quilômetros de território. O catolicismo em Roma vale tudo; se o pusessem em Jerusalém, não valia nada. Verité em deçá, erreur au dela. (ASSIS, 1938, p. 9)

A religião, desde que o mundo existe possui muita importância na vida dos homens e sempre pode gerar conflitos entre fiéis de diversas religiões e seitas. Mas

Machado não coloca o catolicismo à toa nesta crônica, ele assim a inicia para desenvolver a escrita até chegar ao ponto forte de seu interesse: o marianismo. No final do século XVIII e início do XIX o marianismo surge como tal, devido ao reconhecimento que a mulher obteve perante a Igreja Católica, a qual era muito influente em toda a sociedade. Devido ao movimento feminista e ao apoio que teve de um padre, é que a Igreja no período da Reconstrução começou a perceber que quando se tratava de fé as mulheres eram muito mais sensíveis e crentes ao Cristianismo. Num momento em que os homens haviam deixado a religião de lado e colocado o Capitalismo no centro de suas vidas, as mulheres tornavam-se cada vez mais presentes na religião. E Machado afirma ser o Marianismo maior que o Cristianismo:

O erro do Sr. Ribeiro Franco provém de uma ilusão deplorável. S. S. supõe que nós ainda estamos no Cristianismo, quando essa religião vai senão vantajosamente substituída pelo Marianismo.

Afirma ainda que Deus já nada pode contra Nossa Senhora:

A demissão do Padre, do Filho e do Espírito Santo pode-se dizer que é um fato; não está oficialmente publicado, mas é um fato. A teoria do Marianismo é que Deus nada pode contra a vontade de Nossa Senhora, e se nada pode, pode menos, e se pode menos é poder inferior.

Machado faz alusão a uma publicação editada em seu contexto na capital portuguesa, Lisboa, intitulado como “Novíssimo mês de Maria” (anexo B) que abrangue a reflexão mariana por meio do gênero crônica. A figura de Maria ressaltada no mês dedicado a Ela, o mês de maio, apresenta ao povo em um primeiro momento a devoção e consagração, dadas pelo autor como dignas de respeito, no entanto, também se mostra um lado não tão relevante, mas que se funda solidamente, a questão da superstição que ao invés de reavivar a fé dos fiéis os conduz ao desânimo.

Machado de Assis a utiliza para justificar a corrente de legitimação popular da superioridade de Maria ante a Religião católica, obra citada acima, na qual está contida uma crônica dos padres capuchinhos que conta a história de um importante advogado utilizador de uma má moral que se fez rico, no entanto vivia pessimamente. Para sair desse estado de vida pôs-se a rezar devotamente uma oração a Virgem Maria que lhe valeu em auxílio para escapar da morte. Machado, conversando com o leitor, ironiza tal feito, pois se torna uma solução vaga e pobre

para aqueles que constantemente vivem em corrupção, como se Maria tivesse tal preocupação.

Para isso diz Machado:

Leitor sagaz, isto é um verdadeiro achado. Trapaceia como puderes, dá a tua facadinha, e fica certo que escaparás da morte eterna mediante uma oração a Virgem – é a receita mais barata que se conhece.

A crítica final ao marianismo feita por Machado nessa segunda crônica situa-se quanto ao discurso alienante da Igreja católica expresso em uma das crônicas contidas no livro de devoção mariana publicado em Lisboa, no qual existe um floreio semelhante a fábulas despreocupadas de quaisquer dados pertinentes e verídicos que confirmem realmente a força divina de Maria.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das teorias estudadas e da análise das duas crônicas Machadianas, “Queda que as mulheres têm para os tolos” e “Badaladas – 22 de outubro de 1871”, foi possível concluir que a mulher nesta outra parte de sua obra, as crônicas, apresenta um caráter forte, valoroso, expressivo, pois em se tratando do séc. XIX, o qual teve a grande influência do feminismo, as mulheres passam a se fazer mais presentes na sociedade.

O séc. XIX foi transitório, verifica-se que a mulher submissa ao homem tida penas como procriadora, impedida de pensar, agir e questionar, passa então a exigir os seus direitos, a conquistar leis sociais que a protejam das violências conjugais, da exploração trabalhista e outro ponto fortíssimo é a iniciação da mulher no mercado de trabalho, deixando em outro plano o seu lar e a sua família. O lar, ligado ao casamento, era para muitas mulheres uma prisão da qual elas se libertariam, mas elas não saem de seus lares apenas por esse motivo, o desemprego dos maridos também as obriga a serem chefes de famílias. De uma forma ou de outra, as mulheres passam a compor outro perfil, ou seja, não são mais alienadas ao mundo, mas se fazem presentes nele e capazes de revolucioná-lo.

Verifica-se nesta pesquisa que Machado de Assis estava atento às mudanças e se criticava algumas mulheres é porque delas esperava muito mais. Não as queria esquecidas, preocupadas apenas com encantamentos amorosos, mas ansiava por uma nova mulher capaz de criticar, revolucionar e fazer-se presente no meio social. As mulheres–personagens existentes nas crônicas Machadianas assemelham-se as personagens de seus Romances, sendo assim, a visão de Machado sobre as mulheres parece ser homogênea em sua obra.

Suas crônicas, apesar de extensas, atendem ao gênero. Este vem sofrendo alterações ao longo da história, mas para chegar ao que é hoje, teve a influência de Machado com o seu toque literário. Se as crônicas Machadianas eram longas, outros autores futuramente foram dando ao gênero traços que também são muito interessantes.

Sendo assim, percebe-se que Machado de Assis utilizou suas “bruxarias literárias” para encantar os seus leitores, para retratar de maneira realista o séc. XIX e consequentemente uma nova mulher que passou a surgir após muitas

transformações e conquistas sociais. Por esse motivo sua literatura é considerada atual, pois apresenta um caráter realista psicológico que caracteriza os seres humanos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luis Antonio. **Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas – Folha de S. Paulo**. São Paulo: Ática, 1994.

ASSIS, Machado de. **Chronicas – Obra Completa**. Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. 1938.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Paulus, 2002.

BAGNO, Marcos. **Machado de Assis para principiantes**. São Paulo: Ática, 1998.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Machado de Assis como você nunca viu**. Rio de Janeiro: Setembro, 2008.

COELHO, Mariana. **A evolução do Feminismo – subsídios para a sua história**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

CASTELLO, Maria Cristina Magalhães. **A representação da mulher no universo masculino: quatro momentos da literatura brasileira**. Vitória: Instituto Histórico, 2000.

DIRECIONAL EDUCADOR (Brasil). **Machado de Assis**. São Paulo: Julho, 2008.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente – O Século XIX**. Portugal: Afrontamento, 1991.

ENTRE LIVROS (Brasil). **Cara a cara com Machado**. São Paulo: julho, 2008.

ÉPOCA (Brasil). **As cartas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Globo. Setembro, 2008.

FCRB, Setor de Filologia da. **A CRÔNICA – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1992.

GLEDSOON, John. **Machado de Assis - Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MICHEL, Andrée. **O feminismo – uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1997.

PIETRANI, Anélia Montechari. **O enigma mulher no universo masculino Machadiano**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985, 1997.

SHAN, Harry. **Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

**ANEXO A – “QUEDA QUE AS MULHERES TÊM PARA OS TOLOS” DE 1861****ANEXO B – “BADALADAS - 22 DE OUTUBRO DE 1871”**

## QUEDA QUE AS MULHERES TÊM PARA OS TOLOS

## ADVERTÊNCIA

Este livro é curto, e talvez deva sê-lo mais. Desejo que ele agrade como me sai das mãos; mas é com pesar que me vanglorio por esta obra. Falar do amor das mulheres pelos tolos não é arriscar ter por inimigas a maioria [grifo é nosso] de um e outro sexo? Diz-se que a matéria é rica e fecunda; eu acrescento que ela tem sido tratada por muitos. Se tenho, pois, a pretensão de ser breve, não tenho a de ser original. Contento-me em repetir o que se disse antes de mim; minhas páginas conscienciosas são um resumo de muitos e valiosos escritos. Propriamente falando, é uma comparação científica, e eu obteria a mais doce recompensa de meus esforços, como dizem os eruditos, se inspirasse aos leitores a idéia de aprofundar um tão importante exemplo. Quanto à imparcialidade que presidiu a redação deste trabalho, creio que ninguém a porá em dúvida. Exalto os tolos sem rancor, e se critico os homens de espírito, é com um desinteresse, cuja extensão facilmente se compreenderá.

I

Il est des noueds secrets, il est des sympathies. [literalmente: “São os laços secretos, são as afinidades”]

Passa em julgado que as mulheres lêem de cadeira em matéria de fazendas, pérolas e rendas, e que, desde que adotam uma fita, deve-se crer que a essa escolha presidiram motivos plausíveis. Partindo deste princípio, entraram os filósofos a indagar se elas mantinham o mesmo cuidado na escolha de um amante, ou de um

marido. Muitos duvidaram. Alguns emitiriam, como axioma, que o que determinava as mulheres, neste ponto, não era, nem a razão, nem o amor, nem mesmo o

capricho; que se um homem lhes agradava, era por se ter apresentado primeiro que os outros, e que sendo este substituído por outro, não tinha esse outro senão o mérito de ter chegado antes do terceiro. Permaneceu por muito tempo este sistema irreverente. Hoje, graças a Deus, a verdade se descobriu: veio-se a saber que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nele a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é... a toleima!

## II

Desde a mais remota antiguidade, sempre as mulheres tiveram a sua queda para os tolos. Alcibíades, Sócrates e Platão foram sacrificados por ela aos presumidos do tempo. Turenne, la Rochefoucauld, Racine e Molière, foram traídos por suas amantes, que se entregaram a basbaques notórios. No século passado, todas as boas fortunas foram reservadas aos pequenos abades. Estribados nesses ilustres exemplos, as nossas contemporâneas continuam a idolatrar os descendentes dos ídolos das avós.

Não é nosso fim censurar uma tendência que parece invencível; o que queremos é motivá-la. Por menos observador e menos experiente que seja, qualquer pessoa reconhece que a toleima é quais sempre um penhor do triunfo. Desgraçadamente, ninguém pode, por sua própria vontade, gozar das vantagens da toleima. A toleima é mais do que uma superioridade ordinária: é um dom, é uma graça, é um selo divino. [o grifo é nosso]. “O tolo não se faz, nasce feito.”

Todavia, como o espírito e como o gênio, a toleima natural fortifica-se e se estende pelo uso que se lhe faz. É estacionária no pobre diabo que só raramente pode aplicá-la; mas toma proporções desmarcadas nos homens a quem a fortuna ou a posição social cedo leva à prática do mundo. Este concurso da toleima inata e da toleima adquirida é que produz a mais temível espécie de tolos. Os tolos que o acadêmico Trublet chamou “tolos completos, tolo integrale, tolos do apogeu da toleima.” O tolo é abençoado do céu pelo fato de ser tolo, e é pelo fato de ser tolo,

que lhe vem a certeza de que qualquer carreira tome, há de chegar felizmente ao termo. Nunca solicita empregos, os aceita em virtude do direito que lhe é próprio: *nominatum léo* [= “designado pela sorte”, *léo*: forma arcaica, 1913, de “*léu*”]. Ignora o que é ser corrido ou desdenhado; onde quer que chegue, é festejado como conviva que se espera. O que pode opor-lhe como obstáculo? É tão enérgico no choque, tão igual nos esforços e tão seguro no resultado! É a rocha despegada, que rola, corre, salta e avança, caminho por si, precipitada pela sua própria massa. [nosso grifo] Sorri-lhe a fortuna, particularmente ao pé das mulheres. Mulher alguma resistiu nunca a um tolo. Nenhum homem de espírito teve ainda impunemente um parvo como rival. Por quê?... Há necessidade de perguntar por quê? Em questão de amor, o paralelo a estabelecer entre o tolo e o homem de siso não é para a confusão do último?

### III

Em matéria de amor, deixa-se o homem de espírito embalar por estanhas ilusões. As mulheres são, para ele, entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias idéias, supões-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele, de generosidade, nobreza e grandeza. Imagina que para agradar-lhes é preciso ter qualidades acima do vulgar. Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito o torna desconfiado, indeciso, atormentado. Respeitoso até a timidez, não ousa exprimir o seu amor em palavras; o exala por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e atenções delicadas. Como nada quer à custa de uma indignidade, não se conserva continuamente ao pé daquela que ama, não a persegue, não a fatiga com a sua presença. Para interessá-la em suas mágoas, não toma ares sombrios e tristes; pelo contrário, esforça-se por ser sempre bom, afetuoso e alegre junto dela. Quando se retira da sua presença, é que mostra o que sofre, e derrama as suas lágrimas em segredo.

O tolo, porém, não tem desses escrúpulos. A intrépida opinião que ele tem de si próprio o reveste de sangue frio e segurança. Satisfeito de si, nada lhe paralisa a

audácia. Mostra a todos que ama, e solicita com instância provas de amor. Para fazer-se notar daquela que ama, importuna-a, acompanha-a nas ruas, vigia-a nas igrejas e espia-a nos espetáculos. Arma-lhe laços grosseiros. À mesa, oferece-lhe uma fruta para comerem ambos, ou passa-lhe misteriosamente com muito jeito um bilhete de amores. Aperta-lhe a mão ao dançar e saca-lhe o ramalhete de flores no fim do baile. Numa noite de partida, diz-lhe dez vezes ao ouvido: “Como é bela!”, porquanto o instinto lhe revela que é pela adulação que se alcançam as mulheres, bem como se as perde, tal qual como acontece com os reis. De resto, como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continua como antes a dissipá-lo nos jogos, nos salões e nos passeios.

#### IV

O amor, disse alguém, é uma jornada, cujo ponto de partida é o sentimento e cujo termo inevitável, a sensação. Se isto é verdade, o que há a fazer é embelecer a estrada e chegar o mais tarde possível ao fim. Ora, quem melhor que o homem de espírito sabe parolar à beira do caminho, parar e colher flores, sentar-se às sombras frescas, recitar aventuras e procurar desvios e delongas? Um caracol de cabelos mal arranjado, um comprimento menos apressado que de costume, um som de voz discordante, uma palavra mal escolhida, tudo lhe é pretexto para demorar os passos e prolongar os prazeres da viagem.

Mas quantas mulheres apreciam esses castos manejos e compreendem o encanto dessas paradas à borda de uma veia límpida que reflete o céu? Elas querem amor, qualquer que seja a sua natureza, e o que o tolo lhes oferece é o bastante, por mais insípido que seja.

#### V



O homem de espírito, quando chega a fazer-se amar, não goza de uma felicidade completa. Aterrorizado com a sua ventura, trata antes de saber por que é feliz. Pergunta por que e como é amado; se, para uma amante, ele é uma necessidade ou um passatempo; se ela cedeu a um amor invencível; enfim, se é amado por si mesmo. Cria ele próprio e com engenho as suas mágoas e cuidados; é como o sibarita que, deitado em um leito de flores, sentia-se incomodado pela dobra de uma folha de rosa. Num olhar, numa palavra, num gesto, acha mil nuances imperceptíveis, desde que se trata de interpretá-las contra si. Esquece os encômios que levemente o tocam, para lembrar-se somente de uma observação feita ao menor dos seus defeitos e que o tortura bastante. Mas, em compensação desses tormentos, há no seu amor tanto encanto e delícias! Como estuda, como extrai, como saboreia as volúpias mais fugitivas até a última essência! Como a sua sensibilidade especial sabe descobrir o encanto das criancices frívolas, dos invisíveis atrativos, dos nada adoráveis!

O tolo é um amante sempre contente e tranqüilo. Tem tão robusta confiança nos seus predicados, que, antes de ter provas, já mostra a certeza de ser amado. E assim, deve ser. Em sua opinião, faz uma grande honra à mulher a quem dedica os seus eflúvios. Não lhe deve felicidade; ele é que lhe dá e como tudo o leva a exagerar o benefício, não lhe vem à idéia de que se possam ter ingratidões para com ele. Assim, no meio das alegrias do amor, saboreia ainda a embriaguez da fatuidade. Mas como, em definitivo, é ele próprio o objeto de seu culto, depressa o tolo se aborrece, e como o amor para ele não é mais que um entretenimento que passa, os últimos favores, longe de o engrandecerem mais, desligam-no pela saciedade.

## VI

O homem de espírito vê no amor um grande e sério negócio, ocupa-se dele como do mais grave interesse de sua vida, sem distração, nem reserva. Pode perder nele algumas das suas qualidades viris, mas é para crescer em abnegação, em dedicação, em bondade. Suporta tudo daquela que ama, sem nada exigir dela.

Quando ela atende a alguns dos seus votos, quando previne alguns dos seus desejos, longe de ensoberbecer-se, agradece com uma efusão mesclada de surpresa. Perdoa-lhe generosamente todos os males que lhe causa, porque, muito orgulhoso para enraivecer-se ou lastimar-se, não sabe provocar, nem a piedade que enternece, nem o medo que faz calar. Oh! que inferno, se a má ventura lhe depara uma mulher bela e má, uma namoradeira fria de sentidos, ou uma moça de rabugice precoce! Sofre então vivamente com a perfídia da mulher amada, mas desculpa-a pela fragilidade do sexo. A sua indulgência pode então conduzi-lo á degradação. Ele segue a olhos fechados o declive que o arrasta ao abismo, sem que a queixa, a ambição e a fortuna possam retê-lo.

O néscio escapa a estes perigos. Como não é ele quem ama, é ele quem domina. Para vencer uma mulher, finge, por alguns momentos, o excesso de desespero e da paixão; mas isso não passa de um meio de guerra, tática de cerco para enganar e seduzir o inimigo. Logo depois recobra a tirania e não abdica mais. Para entreter-se nisso, tem o tolo o seu método, as suas regras e a sua linha de conduta. É indiscreto por principio, porquanto, divulgando os favores que recebe, compromete a que lhes concede e ao mesmo tempo afasta as rivalidades nascentes. É susceptível pela razão e cioso por cálculo, a fim de promover esses proveitosos amuos que lhe servem, a seu grado, para conduzir a uma ruptura definitiva ou para exigir um novo sacrifício. Mostra uma cruel indiferença, indicando pouca confiança nas provas de simpatia que se lhe dão. Num baile, proibindo à sua amante de dançar, não faz caso dela de propósito. Aflige-a com aparências de infidelidade, falta à hora marcada para se encontrarem, ou, depois de se ter feito esperar, vem dando desculpas equívocas de sua demora. Hábil em semear a inquietação e o susto, faz-se obedecer à força de ser [intolerante?], e acaba por inspirar uma afeição sincera à força de promovê-la.

## VII

O homem de espírito, assustado com o vácuo imenso, que deixa no coração uma afeição que se perde, só rompe o laço que o prende à causa de dilacerações interiores. Como bem se disse, sendo preciso um dia para conseguir é precisa mil

para se reconquistar. Mesmo no momento em que volta a ser livre: quantas vezes um sorriso, um meneio de cabeça, uma maneira de puxar o vestido, ou de inclinar o chapelinho de sol, não o faz recair no seu antigo cativo! De resto, a mulher, a quem ele tiver revelado o segredo do seu coração, ficará sempre para ele como ser aparte. Não a esquece nunca. Morta, ou separado, nutre por aquela que perdeu longas saudades. Perseguido pela lembrança que dela conserva, descobre muitas vezes que as outras mulheres por quem se apaixonou só têm o mérito de se parecerem com ela. Dá-se ele então a comparações que o desvairam, que o irritam, que o põem fora de si, exigindo no seu trajar, no seu andar e até no seu falar, alguma coisa que lhe recorde o seu implacável ideal. E se é ele o abandonado, de que torturas sofre! Viver sem ser amado parece-lhe intolerável. Nada pode consolá-lo ou distraí-lo. No caso de tornar a ver os sítios que foram testemunhas da sua felicidade, evoca, à sua memória, mil circunstâncias perseverantes e cruéis. Ali está a cerca cheirosa, cujos espinhos rasgaram o véu da infiel; aqui, o rio que a medrosa só ousava atravessar amparada pela sua mão; além está a alameda, cuja areia fina parece ter ainda o molde de seus ligeiros passos. Contempla, na janela, as longas e alvas cortinas, no peitoril os arbustos em flor, na relva a mesa, o banco, as cadeiras em que outrora se sentaram. É possível que ela tenha mudado tão de repente? Pois não foi ainda ontem que de volta de um passeio ao bosque, lhe enxugou o suor da testa, e que se lhe prendia em doce e estranho amplexo? Hoje, nem mais doçuras, nem mais apertos de mão, nem mais dessas horas ébrias em que todo o passado ficava esquecido! Ele está só, entregue a si mesmo, sem a força, sem alvo: é o delírio do desespero.

O tolo está acima dessas misérias. Não o assusta um futuro prenhe de qualquer inquietação aflitiva. Sempre acobertado pela bandeira de inconstância, desfaz-se de uma amante sem luta, nem remorso; utiliza uma traição para voar a novas aventuras. Para ele, nada há de terrível em uma separação, porque nunca supõe que se possa colocar a vida numa vida alheia, e que se fazendo um hábito dessa comunidade de existência, faz-se pouco novamente sofrer, quando ela tiver de quebrar-se. Da mulher, que deixa de amar, ele só conserva o nome, como o veterano conserva o nome de uma batalha para glorificar-se, ajuntando-o ao número de suas campanhas.

## VIII

Há uma época em que se custa muito amar. Tendo visto e estudado um pouco a mulher, adquire-se uma certa dureza que permite aproximar-se sem perigo das mais belas e sedutoras. Confessa-se sem reboço a admiração que ela inspira, mas é uma admiração de artista, um entusiasmo sem ternura. Além disso, se ganha uma penetração cruel para ver, através de todos os artifícios de casquilha, o que vale a submissão que ela ostenta, a doçura que afeta, a ignorância que finge. E prenda-se um homem nessas condições! De ordinário é entre trinta e trinta e cinco anos que o coração do homem de espírito fecha-se assim à simpatia e começa a petrificar-se. É, entretanto, possível que nele tornem a aparecer os fogos da mocidade, e que ele venha a sentir um amor tão puro, tão fervente, tão ingênuo, como nos frescos anos da adolescência. Longe de ter perdido as perturbações, as apreensões, os transportes da alma amorosa, sente-os ele de novo com emoção mais profunda e dá-lhes um preço tanto mais elevado, quanto ele está certo de não os ver renascer. Oh! então se lastima o pobre insensato! Ei-lo obrigado a ajoelhar-se aos pés de uma mulher, para quem é nada o mérito de caminhar pouco a pouco atrás de sua sombra, de fazer exercício em torno dos seus vestidos, de se extasiar diante de seus bordados, de lisonjear os seus enfeites. Ai, triste! Esses longos suplícios o revolta, e, Pigmalião desesperado afasta-se de Galatéia, cujo amor se não pode reanimar.

Esses sintomas de idade são desconhecidos ao tolo, porquanto cada dia que passa não lhe faz achar no amor um bem mais caro, ou mais difícil a conquistar. Não tendo sido melhorado, nem endurecido pelos revezes da vida, continuando a ver as mulheres com o mesmo olhar, exprime-lhes os seus amores com as mesmas lágrimas e os mesmos suspiros que lhes reserva para pintar os antigos tormentos. E como ele só exigiu sempre delas aparências de paixão, vem facilmente a persuadir-se que é amado. Longe de fugir, persevera e... triunfa.

## IX

O homem de espírito é o menos hábil para escrever a uma mulher. Quando se arrisca a escrever uma carta, sente dificuldades incriveis. Desprezando o vasconço da galanteria, não sabe como há de se fazer entender. Quer ser reservado e parece frio; quer dizer o que espera e indica receio; confessa que nada tem para agradar, e é apanhado pela palavra. Comete o crime de não ser comum ou vulgar. As suas cartas saem do coração e não da cabeça; têm o estilo simples, claro e límpido, contendo apenas alguns detalhes tocantes. Mas é exatamente o que faz com que elas não sejam lidas, nem compreendidas. São cartas decentes, quando as pedem estúpidas.

O tolo é fortíssimo em correspondência amorosa e tem consciência disso. Longe de recuar diante da remessa de uma carta, é muitas vezes por aí que ele começa. Tem uma coleção de cartas prontas para todos os graus de paixão. Alega nelas, em linguagem brusca, o ardor de sua chama; a cada palavra repete: meu anjo, eu vos adoro. As suas fórmulas são enfáticas e chatas; nada que indique uma personalidade. Não faz suspeitar excentricidade ou poesia; é o quanto basta; sendo medíocre e ridículo, tanto melhor. Efetivamente, o estranho que ler as suas missivas, nada tem a dizer. Na mocidade, o pai da menina escrevia assim; a própria menina não esperava outra cousa. Todos estão satisfeitos, até afinados. Que querem mais?

X

Enfim, o homem de espírito, em vista do que é, inspira às mulheres uma secreta repulsa. Elas se admiram com o ver tímido, acanham-se com o ver delicado, humilham-se com o vê-lo distinto. Por muito que ele faça para descer até ela, nunca consegue fazê-las perder o acanhamento; choca-as, incomoda-as, e esse acanhamento, de que ele é causa, torna frias as conversações mais indiferentes, afasta a familiaridade e assusta a inclinação prestes a nascer.

Mas o tolo não atrapalha, nem ofusca as mulheres. Desde a primeira entrevista, ele as anima e fraterniza-se com ela. Eleva-se sem acanhamento nas conversas mais

insulsas, palra e requebra-se com ela. Compreende-as e elas o compreendem. Longe de se sentirem deslocadas na sua companhia, elas a procuram, porque brilham nela. Podem, diante dele, absorver todos os assuntos e conversar sobre tudo, inocentemente, sem conseqüência. Na persuasão de que ele não pensa melhor, nem contrário a ela, auxiliam o triste, quando a idéia lhe falta, suprem-lhe a indigência. Como se fazem valer por ele, é justo que lhes paguem, e por isso consentem em ouvi-lo em tudo. Entregam-lhe assim os seus ouvidos, que é o caminho do seu coração, e um belo dia admiram-se de ter encontrado no amigo complacente um senhor imperioso!

## XI

Compreende-se, por este curto esboço, como e quanto diferem os tolos e os homens de espírito nos seus meios de sedução. A conclusão final é que os tolos triunfam, e os homens de espírito falham, resultado importante e deplorável, nesta matéria sobre tudo.

## XII

Depois de ter indagado as causas da felicidade dos tolos, e da desgraça dos homens de espírito: perderemos tempo precioso em acusar as mulheres? Não hesitamos em deitar as culpas sobre os homens de espírito, como fez o profundo Champcenets. Porque não estudam os tolos, diz-lhes este autor, para conseguir imitá-los? Há de custar-vos muito fazer um tal papel: mas há proveito sem o fazer? E depois, quando assim sois a isso obrigado, visto como não vos dão outro meio de solução, querer subtrair o belo sexo ao império dos tolos, descortinando-lhe a perversidade do seu gosto, é cousa em que ninguém deve pensar, é uma loucura; seria o mesmo que querer mudar a natureza, ou contrariar a fatalidade. Porquanto,

ficai sabendo, continua Champcenets, que as mulheres não são senhoras de si próprias; que nela tudo é instinto ou temperamento, e que, portanto, elas não podem ser culpadas de suas preferências. Só respondemos pelo que praticamos com intenção e discernimento. Ora, qual delas pode dizer que predileção a impele, que paixão a obriga, que sentimento a faz ingrata, ou que vingança lhe dita malignidades? Debalde procurareis nelas tão cruel prodígio; nenhuma é cúmplice do mal que causa; a este respeito, o seu estouvamento atesta-lhes a candura. Porque vos obstinais em pedir-lhes o que a Providência não lhes deu? Elas se apresentam belas, apetitosas e cegas: não vos basta isto? Querê-las com juízo, penetrantes e sensíveis é não conhecê-las. Procurai as mulheres nas mulheres, admirai-lhes a figura elegante e flexível, afagai-lhes os cabelos, beijai-lhes as mãos mimosas; mas tomai como um brinquedo o seu desdém, aceitai os seus ultrajes sem azedume, e às suas cóleras mostrai indiferença. Para conquistar esses entes frágeis e ligeiros, é preciso atordoá-los pelo rumor dos vossos louvores, pelo fasto do vosso vestuário, pela publicidade das vossas homenagens.

### XIII

Sim, sim, é de mister ousar tudo para com as mulheres.

### ANEXO B

#### Badaladas

Texto-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis,  
Rio de Janeiro: Edições W. M.

Jackson, 1938.

Publicado originalmente na. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, de  
22/10/1871 a 02/02/1873.

22 de outubro de 1871.

Escapamos de boa!

Ali ao pé de nós, a vinte minutos de viagem, ali na formosa Niterói, esteve há dias prestes a romper uma guerra terrível - uma guerra entre a província do Rio de Janeiro e a Itália.

Dois deputados provinciais propuseram que a assembléia, em nome da província, protestasse “contra o escândalo de que é vítima o Santo Padre” – que esta sendo “acometido insólita e traiçoeiramente em seus direitos incontestáveis”, e cuja posição “é nimamente precária, injusta, inqualificável, vexatória e atentatória, etc.”. Isto é declarar guerra à Itália, creio que era uma e a mesma coisa.

Para sustentar o seu ultimato fez o Sr. padre Alves dos Santos um discurso, não longo, mas entremeadado de apartes, com que os seus colegas iam cortando-lhe impiedosamente as asas.

O melhor, porém, aquilo em que o Sr. padre Alves dos Santos me pareceu abjurar dos princípios da nossa Igreja, foi um aparte que deu ao Sr. Mattoso Ribeiro.

Dizia este seu colega:

“— A conquista do território romano nada tem com a religião católica, apostólica, romana, — porque, se o Papa sai de Roma, não se perderá o catolicismo.”

Acode o Sr. Alves dos Santos:

“— Está muito enganado!”

Ó divino Cristo, que pensarás tu ao ouvir esta resposta? Dizias uma necessidade quando afirmavas que contra a tua Igreja não prevaleceriam as portas do inferno. Estavas em erro, meu divino Cristo. A força da tua Igreja não vem da tua doutrina; vem de alguns quilômetros de território. O catolicismo em Roma vale tudo; se o pusessem em Jerusalém, não valia nada. Verité em deçà, erreur au delà.

Victor Manuel deixou ainda uma parte da cidade ao Santo Padre; é por isso que existe a Igreja. Se ele amanhã o expulsasse de lá, acabava-se o catolicismo. Victor Manuel dava cabo da obra de Jesus; podia mais que o inferno.

Em trocos miúdos, é a opinião do deputado fluminense.

É escusado dizer que todo o católico, e o próprio deputado se refletir no dito, deve repelir tão singular opinião.

Em todo o caso, ainda que o orador tivesse razão, não era motivo para que a assembléia provincial rompesse as relações (que não tem) com a Itália. O Sr. Vieira Souto acudiu a tempo, desbastando a moção inicial, com uma emenda que nada compromete, e assim ficou encerrado o incidente.

Perguntam-me várias pessoas se não estou disposto a dizer alguma coisa a respeito do caso triste e digno de memória que se deu entre uma freira da Ajuda e o nosso prelado.

Respondi que sim, e pretendia navegar nas águas do Sr. Ribeiro Franco, quando o Jornal do Comércio de quinta-feira, em que vem a resposta de um Sr. Apostolo ao irmão da

finada freira. Mudei de opinião.

O tal Apostolo, depois de algumas expressões que apostam mansidão com as do Evangelho, explica francamente que o pedido da freira era fraqueza feminil; que a carne, a carne, e mais a carne (ils sont très spirituels) não devia ser atendida; que S. Excia. fez ouvidos de mercador (textual) às lamúrias encapotadas da carne (textual) já, solene e irrevogavelmente, renunciada pela dita freira, etc.

Depois de tão vigorosa resposta, pensava eu que o Sr. Ribeiro Franco poria termo aos seus artigos.

Mas qual!



O irmão da finada quer imitar os comunistas de Paris que também morderam o nosso prelado...

Aqui para o leitor, e pergunta se estou zombando dele.

Não, caro leitor; não zombo, repito o que nos disse a referida folha:

“O nosso sábio e virtuoso bispo foi de modo insólito agredido pelo Sr. José Ribeiro Franco, por um fato bem simples, que bem demonstra que a impiedade desenvolve todos os dias mais força a ponto de não trepidar, como os comunistas de Paris, em erguer o asqueroso colo para fincar dentes envenenados na sagrada pessoa do nosso preclaro e virtuosíssimo bispo, inegavelmente a honra e glória do episcopado brasileiro”.

O Sr. José Ribeiro Franco continua, pois, a imitar a comuna de Paris.

No seu artigo de quinta-feira censura o nosso prelado por haver dito que S. José era duas vezes onipotente.

Não se dá maior impiedade! Bem se vê que o Sr. Ribeiro Franco parou nos evangelistas e nos padres da Igreja. Está abaixo do seu século; anda na aldeia e não vê as casas.

O erro do Sr. Ribeiro Franco provém de uma ilusão deplorável. S. S. supõe que nós ainda estamos no Cristianismo, quando essa religião vai senão vantajosamente substituída pelo Marianismo.

A demissão do Padre, do Filho e do Espírito Santo pode-se dizer que é um fato; não está oficialmente publicado, mas é um fato. A teoria do Marianismo é que Deus nada pode contra a vontade de Nossa Senhora, e se nada pode, pode menos, e se pode menos é poder inferior.

A isto se prende naturalmente a idéia das duas onipotências de S. José.

A propósito. . .

Corre em Lisboa, já, em 2a. edição, e sei se aqui também, um livrinho com o título : Novíssimo mês de Maria, ou mês das flores, coordenado pelo padre J. L. L.

A devoção de Maria e a consagração que se lhe fez do mês de maio, são coisas dignas de respeito: cumpria, porém, que estas obras, já que estamos no século XIX, se despissem de superstições que não levantam o ânimo do povo.

Não li o livro aludido; mas uma folha de Lisboa transcreve um pedaço que aí se lê a págs. 308,309 e 310.

Destacarei o primeiro período da transcrição para que melhor se aprecie a doutrina:

“Nas crônicas dos padres capuchinhos (cap. 11, part. 1a.) se conta que em Veneza havia um célebre advogado, o qual com enganos e injustiças tinha enriquecido, e vivia em mau estado. Não tinha talvez de bom mais que rezar todos os dias uma certa oração à Santíssima Virgem; e contudo esta pobre devoção lhe valeu para escapar da morte eterna pela misericórdia de Maria.”

Leitor sagaz, isto é um verdadeiro achado. Trapaceia como puderes, dá, a tua facadazinha, e fica certo de que escaparás da morte eterna mediante uma oração a Virgem — é a receita mais barata que se conhece. . . renouvellée de Louis XI.

Vejamos agora o resto da notícia; precisa ser lida com muita atenção e sem se perder uma linha.

Lá vai:

“. . . E eis aqui como. Por fortuna sua, tomou este advogado amizade com o padre fr. Matheus de Basso, e tanto lhe pediu que viesse um dia jantar a sua casa, que finalmente lhe fez a vontade. Chegando a casa, lhe disse o advogado: Ora, padre, eu quero-lhe fazer ver uma coisa que nunca terá visto. Eu tenho uma macaca admirável, a qual me serve como um criado, lava os copos, põe a mesa, abre-me a

porta. – Veja (Ihe respondeu o padre) não seja essa macaca mais alguma coisa: faça-me a vir aqui.

“Chamou ele a macaca, tornou-a a chamar, procurou-a por toda a parte, e a macaca não aparecia; finalmente foram achar debaixo do leito, escondida em um vaso da casa ; mas a macaca dali não queria sair. Então disse o religioso: Vamos nós buscá-la. E chegando juntamente com o advogado, onde estava a macaca, Ihe disse o religioso: Besta infernal, sai para fora, e da parte de Deus te mando, que declares quem és. Respondeu a macaca que era o Demônio e que estava esperando que aquele pecador deixasse de rezar algum dia aquela acostumada oração à Mãe de Deus porque a primeira vez que deixasse, tinha ordem de Deus para afogar, e levá-lo para o inferno. Com esta resposta o pobre advogado se pôs logo de joelhos pedindo ao religioso que o socorresse, o qual o animou e mandou ao demônio que se ausenta-se daquela casa sem fazer dano a coisa alguma. - Só te dou licença (Ihe disse o religioso) que, em sinal de te teres ausentando, rompas uma parede destas casas. – Apenas Ihe disse isto, se viu, depois de se ouvir um grande estrondo, feita na parede uma abertura, a qual, ainda que muitas vezes intentaram tapar com pedra, quis Deus que por muito tempo perseverasse; até que por conselho do religioso se pôs naquela abertura, uma pedra, com a figura de um anjo. O advogado se converteu; e esperamos que dali por diante continuaria na mudança da vida até a hora da morte.”

Não explica o autor do livrinho, nem a crônica dos capuchos, nem o jornal a que aludi, por que motivo foi Deus buscar para seu instrumento um demônio, podendo servir-se de um anjo, que era muito mais natural. Também não compreendo muito a razão por que Deus não consentiu que se tapasse o buraco da parede, e só depois de muito tempo deixou de fazer oposição a essa obra necessária. São verdadeiros mistérios em que nunca poderá meter o dente o Dr. Semana.

26 DE MAIO DE 1872.

Hélas! Pour faire ma chronique  
Véridique,  
Je n'ai pas dans mon vieux gousset  
Un sujet.  
O vous, poètes, dont la plume

Ne s'enrhume,  
Dont la muse fertile sait  
Comme on fait  
Des pages longues et guindées,  
Parsemées,  
De figures et de propos  
Gras et gros,  
Portez-moi sur vos grandes ailes  
Immortelles,  
Dans les pays où vous rêvez  
Et régnez.  
Car, tout ce qui n'est pas la prose,  
Moi, je n'ose  
Traiter dans ce quartier banal  
Du journal.  
Je sais bien qu'en faisant ma course  
A la Bourse ,  
Je verrais des sujets nombreux

Et fameux.  
Par exemple, ce grand bagage  
Du village  
Isabel, dont on voit si haut  
L'agio.  
On ne nous pule que de ventes  
Excellentes,  
Des changements, des gros paris,  
Des gâchis.  
Puis, la guerre de sa rivale  
Qui cabale  
Pour defaire tous ses beaux plans  
Importants.  
Quand je lis — avec des besicles  
Les articles  
(Dont on remplit nos grands joumaux)  
Vrais ou faux,  
Je cherche, en bonne conscience,  
L'évidence ;  
Je les trouve de deux cotés  
Maltraités.  
Mais, lecteur, suis-je un imbecile  
Indocile,  
Pour fourrer mon nez de voyou  
Dans ce trou ?  
On parle aussi d'une demande  
Très-friande,  
Quelque chose de grand qui part,  
Tôt ou tard.  
Ce sont, je crois (ceci est grave,  
Je m'en lave,  
Les mains on m'a conte ce bruit  
Aujourd'hui);  
Ce sont, je crois, ces deux collines  
Si voisines ;  
Cele qui porte un vieux couvent  
Écroulant ;  
L'autre où la clique jésuite,  
Parasite,  
Eut, dans le temps, son grand bureau  
Riche et haut.  
On me dit qu'on veut les abattre;  
Un théâtre,  
Des beaux squares et des palais,  
Puis, des quais,  
Des rues, un Hotel de Ville,  
Quatre mille  
Maisons nouvelles, on verra  
Tout cela.  
Mais une idée sérieuse

Et couteuse  
 Ce n'est pas ce que nous aimons.  
 Donc, passons.  
 Passons aussi cette querelle  
 Qu'on appelle  
 Des francs-maçons, des vieux abbés  
 Très-roués.  
 Je crains d'éveiller la colère  
 De l'austère  
 Monseigneur de l'épiscopat, Lacerda.  
 Il est fin ; et s'il me décoche  
 De sa poche  
 Un anathème et lourd et fort,  
 Je suis mort.  
 Mort, hélas ! et mon corps sans âme,  
 Vil, infâme,  
 Ne pourra posséder un trou  
 Au Cajú.  
 Allons, donc ! Mais voici un membre  
 De l'ex-chambre,  
 Qui me demande un aperçu  
 De mon cru.  
 —Monsieur, lui dis-je, cette guerre  
 C'est l'affaire  
 De ceux qui sont au baccarat  
 De l'Etat.  
 C'est un jeu noble et difficile,  
 Très fertile,  
 En coups imprévus et changeants  
 Dénouements  
 Pour le jouer il faut qu'on aie  
 De monnaie;  
 Moi, je suis un pauvre rêveur  
 Sans valeur.  
     Puis, j'adore toujours ma mie  
     Utopie,  
     Une vierge qui perd son temps  
     Dans vos camps.  
     Car vous êtes des gens pratiques,  
     Méthodiques,  
     Réglés, froids, raisonneurs, discrets  
     Et corrects.  
     Or l'utopie est cette chose  
     Qui ne pose,  
     Cette chose que j'aime à voir,  
     Quand, le soir,  
     Je mets mon âme à la fenêtre  
     Pour voir naître  
     La lune, dont l'aimable cour  
     Fuit le jour.

Et, monsieur, si le ministère  
 Eu la guerre  
 Pour ne pas conteter à tous,  
 Voulez vous  
 Trouver un point d'accord facile  
 Dans la ville ?  
 Voir ministres et deputés  
 Très liés ?  
 Qu'ils aillent voir cette charmante  
 Fleur naissante,  
 Qu'on appelle Lucinde, et puis  
 Je vous dis  
 Que si ce beau talent n'efface  
 Toute trace  
 De haine, c'est qu'ils sont alors  
 Presque morts.  
 Mais, quoi! J'ai fait une chronique  
 Politique?  
 Parbleu ! ce fut sans le savoir.  
 Donc, bonsoir.

Dr. Semana.

28 DE JULHO DE 1872.

Houve um jantar político no Pará. Comeu-se como é de uso nos jantares, e politicou-se, como é de praxe nos jantares políticos.

O leitor já está a adivinhar que, não sendo esta folha política, alguma coisa alegre me chama atenção para os brindes publicados no Jornal do Comércio de quarta-feira. Adivinhou.

Um dos oradores encetou o seu brinde fazendo uma homenagem ao tipo do bom cidadão. Em seguida, disse que percebera desde o começo do jantar que todas as pessoas presentes rendiam homenagem a um bom cidadão.

Mas qual é o sintoma que dá a conhecer a homenagem prestada a um bom cidadão? Que pergunta! É o silêncio.

Disse o orador:

“O profundo silêncio que reinou durante a mastigação deste banquete, tão suntuoso quanto concorrido de convivas respeitáveis, despertou no meu coração este sentimento:

Todos que estão aqui rendem homenagem a um bom cidadão.”

Eu peço humildemente ao leitor que acredite no assombro que me produziu a leitura do trecho citado. Ainda na véspera tinha eu jantado com alguns amigos; durante a sopa e a primeira entrada ninguém abriu o bico. Mal sabia eu que rendíamos homenagem a um bom cidadão.

Até aqui tinha eu uma boa suspeita de que o silêncio que se observa no começo dos jantares era uma simples homenagem ao estômago. Atrevamo-nos: uma homenagem à besta.

Geralmente, quando os grandes jantares começam, está o estômago a dar horas. Daí vem, pensava eu, a mudez com que os convidados se lançam aos primeiros pratos.

Vê o leitor que eu fazia uma triste idéia da espécie humana.

O autor do brinde foi buscar uma causa mais elevada; levantou o estômago à altura de uma virtude social; fez uma aliança entre a gratidão pública e a couve-flor.

Confraternizou, enfim, para usar os seus próprios termos, a homenagem e a mastigação.

E não pára aí.

Era o silêncio a única homenagem devida a um bom cidadão?

De certo.

Porque:

“Segundo a sentença dos Árabes, o silêncio é de ouro; e só o silêncio, digno de tão numerosa e ilustre concorrência, devia ser a primeira saudação ao distinto cavaleiro a quem é ofertado este banquete, credor de todo respeito.”

Isto é uma cacetada na cabeça dos muitos oradores que precedentemente brindaram o dito cavaleiro, era tudo um.

Para mitigar o efeito do golpe não se demorou o orador em borrifar um cumprimento, para o qual peço agora toda a atenção dos leitores:

“O entusiasmo delicado e discreto, que agora unissonamente aplaudimos, é a cor azul que veio firmar e fazer sobressair mais a eloquência do silêncio de ouro.”

Meditemos.

Aquela cor azul é um achado feliz.

Um entusiasmo que é a cor azul de um silêncio de ouro, merece toda a atenção dos estilistas. Eu que o não sou, nem pretendo ser, não deixo de ver no entusiasmo — cor azul — um grande recurso para os prosadores.

Na poesia sabem todos a vantagem que há muitas vezes em poder empregar uma palavra curta em lugar de uma palavra longa. Por que razão não se dará o mesmo na prosa.

Entusiasmo é uma palavra de léngua e meia; às vezes cai bem, outras vezes fica mal, não

concentra, dilui o período.

Mas não acontece o mesmo com azul. Azul é breve e eufônico. Indico, portanto, aos escritores esta substituição fácilima.

Dirá o jornal:

“Fundou-se ontem a Associação para a pesca do marisco. Estavam presentes cerca de 45 membros. O azul produzido pelo discurso do iniciador da idéia é indescritível.”

Outro escreverá:

“O governo achará sempre frouxo o espírito público enquanto não entrar na via das reformas radicais. Açula-se o povo com grandes idéias, não com rebocos e mãos de cal.”

Enfim, um terceiro:

“O nosso amigo X chegou no dia 5 do passado a Nioac. O povo ardente, jubiloso, azulado, correu em massa a recebê-lo.”

Outra vantagem que nos traz este azul.

O entusiasmo tem graus. Há entusiasmo e entusiasmo. Um chega ao delírio, enquanto o outro não passa de animação. Qual será a maneira de os indicar com a simples palavra usada exclusivamente até hoje?

Já não é assim com o azul.

Quero eu dizer, por exemplo, que um ator excitou entusiasmo febril na platéia.

Exprimo-me assim:

“No ato 3.o, na ocasião em que o marquês tira o punhal para ameaçar o conde, esteve o ator X verdadeiramente sublime. O público no seu azul-ferrete, atirou para a cena os chapéus.”

Suponhamos que falo de um ator medíocre:

“O ator N faz esforços para progredir, e alguma coisa vai alcançando. Nunca será igual ao ator C, mas não há dúvida que sabe despertar na platéia um certo azul-claro, já honroso para ele.”

Quem não diria com graça, falando de um orador sagrado:

“O padre Z é a verdadeira glória do púlpito. O sermão pregado ontem na Cruz excitou no auditório um azul, que por uma verdadeira coincidência, era azul-celeste.” Vi há dias anunciada uma casa para alugar. Dizia o anúncio que era uma casa nobre.

Cogitei largo tempo.

— Casa nobre, dizia eu com os meus botões, é sinônimo de família nobre; mas uma família nobre não se aluga. E demais casa, indicando família, não designa só uma aglomeração de membros vivos, mas uma geração, e isso ainda menos se podia alugar.

Evidentemente o anúncio aludia a um prédio.

Indaguei se o prédio estava aliado com os Ossunas, os Montmorency ou os Northumberland; soube apenas que estava aliado com a cal e a pedra de que fora feito.

Donde vinha, pois, a nobreza do prédio?

Não me constava que seus avós tivessem ido à Terra Santa. Seus avós foram uns laboriosos pedreiros, que só talvez agora estejam na terra. . . da eternidade.

Não rezavam as crônicas nenhum façanha daquele prédio. As mais esmerilhadas genealogias não acharam a mínima gota do sangue dos barões normandos nas suas veias. O prédio datava de 1835, ano que só uma excessiva boa vontade poderá encravar na idade-média.

Supondo eu, depois de muita meditação, que o anúncio quis indicar a condição e o aspecto da casa, tomo a liberdade de oferecer aos anunciantes uma série de vocábulos que poderão evitar o calembour.

Pode dizer-se:

Suntuosa,  
Bela,  
Elegante,  
Magnífica,  
Soberba.

E outros termos que não escrevo por falta de espaço.

Sur ce, lecteur, que Dieu vous aie dans sa sainte garde.

Dr. Semana.

1.º DE SETEMBRO DE 1872.

Agora prepara-se tudo para a segunda eleição, e não sei porque este sistema parece-me uma cópia das corridas de cavalos.

Correm primeiramente todos os cavalos; a última corrida é a dos vencedores das primeiras.

Há, como no Jóquei Clube, um prêmio, que não é relógio, nem bolsa, mas uma cadeira na câmara.

Na segunda corrida já as coisas vão ser mais sossegadas; a cidade voltou aos seus eixos e o capanga a seus moutons . . . até daqui a quatro anos, porque o capanga é imortal.

Ide, anjos velozes, a uma gente arrancada e despedaçada, — clamava o profeta Isaías, e querem alguns que se referisse à América.

Referia-se evidentemente ao Brasil.

Aquela gente arrancada e despedaçada, o que é senão este povo em tempos eleitorais, arrancando de suas casas pelo subdelegado e despedaçado na igreja pelos capangas?

Se me objetarem que Isaías escrevia antes das nossas eleições, responderei que este profeta, podia adivinhar o subdelegado, sem grandes milagres.

O que o terrível hebreu não adivinhou é que vamos changer tout cela por efeito de uma folha de papel.

Daqui em diante todas as corridas serão como esta próxima de 18 de setembro; haverá o perigo de cair do cavalo abaixo, como nas festas do Jóquei Clube, mas ao menos não se encontrará no chão uma navalha de capoeira.

Quem não cai do cavalo, — aludo ao Pégaso — é o poeta das Nuvens da América, o Sr. Martins Guimarães, cuja lira tem para mim uma particularidade altamente apreciável:

não canta assuntos rasteiros.

O Sr. Martins Guimarães é antes de tudo poeta filósofo.

Nefandas instituições, sacrílegas, potentes  
Sabiamente num poder equilibrado;  
Que o tempo levou em suas rotações,  
À luz benéfica dos astros derrotados.

Mas, apesar da “luz benéfica dos astros derrotados”, ele bem sabe o poder dessas

Tremendas legiões de nefandas éras,  
Os povos na ignorância aferrolhando,  
Entre os claustros contendores da aristocracia,  
E entre altura do seu poder de mando!...

Nem ignora também que

Preso o mundo de suas tecidas redes,  
Morria asfixiado no fanatismo;  
Infiltrado dentre úmidas paredes  
Do claustro saído com maquiavelismo.

Tudo isto era verdade; o quadro é verdadeiro, pintado com as suas cores próprias. O despotismo e o fanatismo reinavam assim; porém...

Porém, caiu a árvore do despotismo,  
Nefando da ciência dentre nós;  
Jaz sumido através dos séculos,  
Proscrito dentre as eras dos avós.  
Não podiam medrar os troncos rugosos,  
Das carcomidas instituições vergadas  
Que as nações traziam presas,  
Às cadeiras da ciência subjugadas.

Nem eram só os troncos rugosos que não podiam medrar; a hipocrisia também não podia medrar:

Não podia medrar a hipocrisia,  
E preciso era acabar as crenças dos povos;  
Engolfando nos prejuízos das idéias,  
Até estes nossos brilhantes séculos novos.

Mas se isto é assim, dirá algum crítico mais superficial, se tudo acabou, e se estamos nos séculos brilhantes, que mais quer o poeta?

Vem cá, meu crítico atabalhoado; o poeta quer que se torne impossível a volta das eras



dos avós. Reconhece que este século é outro, mas não desconhece a possibilidade de voltarmos ao passado.

Que faz ele então?

Pinta-nos primeiramente o que fomos; depois indica-nos o que devemos ser. Esta segunda parte esta toda resumida nas duas quadras com que fecha a obra:

Preciso é educar o povo e instruí-lo,  
 Longe da crença supersticiosa dos conventos;  
 Despindo a velha igreja de suas galas,  
 Enfeitá-la d'outros modernos paramentos.  
 E apresentá-la em sua pureza de verdade,  
 Qual noiva trajando novas galas;  
 Do ouropel da falsidade despojá-la. . .  
 Apresentando-a com seu brilho nas salas.

Como viu o leitor, não é o Sr. Martins Guimarães um poeta de luares e nevoeiros; não voa de noite, apegado aos raios das estrelas.

Seus assuntos são humanitários e filosóficos. Assim tem lido até hoje; assim o será, creio eu, até morrer.

Dr. Semana.

22 DE SETEMBRO DE 1872.

O Jornal do Comércio publicou há dias uma interessante notícia, que talvez escapasse à atenção do leitor.

Noticiou o Jornal que o Mikado (soberano espiritual do Japão) promulgara uma nova religião, formada do resumo e extrato de várias seitas do país.

Deve ser um singular povo, o japonês. Receber uma religião pelo Diário Oficial, como quem recebe uma nova tarifa da alfândega, é levar o culto da administração muito mais longe do que um povo do nosso conhecimento.

Deita-se um homem acreditando que a gula é um pecado mortal e que as boas obras são necessárias à salvação.

No dia seguinte, entre o café e o charuto, noticia-lhe o Boletim das Leis que a gula passa a ser um pecado meramente venial, em certos casos uma ação indiferente, em alguns — raríssimos — um feito virtuoso, e que, a respeito das boas obras, são elas tão necessárias à salvação como duas apólices a um defunto, tudo com a rubrica de Sua Majestade.

Bem vejo que a religião assim constituída é essencialmente progressiva, e não haveria razão para que não entrasse no programa dos partidos constitucionais se o Japão os houvesse no sentido em que os tem a civilização do ocidente.

Os liberais, por exemplo, prometeriam, ao lado da reforma do correio, a supressão de uma doutrina relativa às potências da alma.

Os conservadores, entretanto, não só proclamariam a excelência do correio (falo do Japão) como a necessidade de conservar e até desenvolver a doutrina das potências da alma. Determinou esse homem no testamento que o seu corpo fosse pesado, e que o valor do seu peso em cera fosse dado a certa ordem a que ele pertencia. É difícil perscrutar a razão de semelhante minuciosidade.

A intenção foi de certo boa, e se devemos respeitar a intenção dos vivos, muito mais devemos respeitar a intenção dos mortos. Nem por isso é menos embaraçosa a situação em que ficamos. Se acode ao peso na salvação o peso do corpo, o reino do céu fica fechado aos magros.

Quem for gordo tem certeza de não ir ao purgatório, pelo menos de não ir por muito tempo. Não acontece o mesmo ao magro; o magro mal poderá dar de si com que purgar

dois ou três pecados.

E pecados tanto os comete o magro como o gordo. Quero crer até que o magro é mais pecador.

Há na gordura certa pachorra, certa preguiça, que até de pecar afasta a criatura. O gordo bufa, vegeta, joga o solo e faz muitas outras coisas inocentes, que o magro não faz ou faz raramente.

Portanto, leitor, se queres que te pesem o cadáver, engorda primeiro, faz-te arroba, faz-te tonelada, e irás ao céu.

Ao céu irá provavelmente a nova câmara municipal se mandar corrigir a ortografia do nome da rua do Passeio, esquina da rua das Marrecas.

Rua do Passeio e o que está, ali escrito.

Não se usa.

20 DE OUTUBRO DE 1872.

A notícia dada por um jornal paraense de que um candidato se envenenara ao saber do resultado de alguns colégios eleitorais, tem-me dado que pensar até hoje.

O mesmo acontece ao meu moleque.

— Nhonhô, dizia-me ontem este interessante companheiro de doze anos, ser deputado é então uma coisa muito superfina. Ninguém se mata porque não tirou a sorte ou porque perdeu o primeiro ato do Ali-Babá.

— Assim é, respondi eu, conquanto uma eleição seja mais ou menos uma loteria. Poucos prêmios e muitos bilhetes brancos.

Nem será difícil achar semelhança entre uma eleição e uma mágica; avultam em ambas as visualidades e tramóias. Até há música na eleição: variações sobre motivos dos queixos. Há também fogos de. . . bengala.

Em todo caso, querido moleque meu, custa-me a engolir a notícia, que me cheira a carapetão. Ser deputado é bom, direi até excelente; mas, com seiscentos fósforos! não é motivo para entrar na eternidade!

..... O que? Se eu nego o suicídio político? Não, moleque, eu não nego o suicídio político.

Eu tenho notícia da morte de Catão.

Todavia, três colégios eleitorais não fazem uma Pharsalia, nem a república expirou em Serpa.

Eu compreendia o suicídio político (ainda que anacrônico), se a eleição do candidato estivesse ligada a sorte da liberdade e da nação.

Bem, direi eu, aquilo já não se usa; ninguém se mata hoje por essas duas moças; mas em suma o candidato era um romano transviado no século XIX. Viu que depois da expressão das três urnas a constituição era simplesmente o nome de uma praça no Rio de Janeiro e uma fórmula de terminar decretos.

. . . Pátria, ao menos, Juntos morremos! . . .

E expirava com a pátria, e eu não tinha nada que dizer nem duvidar.

Mas duvido e duvido muito. A folha do Pará tem obrigação de verificar a notícia e informar os seus leitores, em cujo número estou.

Na cidade de Porto Alegre há grandes queixas contra as badaladas... Descansem; falo das badaladas dos sinos.

Há abusos, dizem as folhas, nos toques dos sinos por ocasião de cerimônias fúnebres.

Que fez então o governador do bispado?

Ordenou imediatamente que cessasse o abuso, transcrevendo vários artigos da Constituição sinodal.

Até aqui tudo vai bem.

Notei, entretanto, na Constituição sinodal uma coisa, que naturalmente tem explicação, mas que eu não compreendo.

Diz-se aí que por um homem haverá três badaladas, por uma mulher duas, e por uma criança uma, ou seja macho ou fêmea.

Ora, por que motivo os filhos de Adão terão direito a mais uma badalada do que as filhas de Eva?

Um defunto é um defunto.

Não há necessidade, penso eu, de indicar aos fregueses da paróquia o sexo do cristão que cessou de viver, porque o padre-nosso é um para todos, e se as três badaladas querem dizer que os fiéis devem rezar mais alguma coisa, quando se trata de um homem, há nisto uma tal parcialidade masculina, que eu não posso deixar de a denunciar ao sexo oposto, como dizia um deputado provincial.

Repito, há alguma razão que eu não compreendo, e por isso limito-me a exprimir a dúvida.

Para alguns leitores fluminenses há de parecer curioso que ainda exista o uso dos toques fúnebres no Rio Grande.

Isto me faz lembrar que também o tivemos aqui, e que se acabou, naturalmente por pedido dos fiéis, o que inspirou algumas belas linhas ao folhetinista do Jornal do Comércio em 1854.

Não o tenho à mão; mas lembra-me que ele lastimava que se houvesse posto termo ao uso dos toques fúnebres e pedia a vinda de algum Chateaubriand que nos reescrevesse o que o outro havia dito da poesia religiosa dos sinos.

Não é preciso dizer que o Chateaubriand não veio.

Em compensação veio o Zuavo da liberdade.

Uma correspondência do Apóstolo critica um redator do Pelicano por afirmar que Galileu dissera: e pur si muove.

Quer o correspondente que devesse dizer: e pur si muovere.

Isto espanta-me !

Conversavam X e Z a propósito da festa da Penha. Z perguntou donde vinha o uso da romaria.

O interrogado ia justamente perguntar a mesma coisa, mas não hesitou em responder:

— É um uso romano. A austera república tinha esses dias de festa, semelhantes às férias latinas, e era então que todo o povo dava largas ao prazer. Pode-se dizer que nessas ocasiões Roma ria.

#### DEFINIÇÕES

Calça de meia: eufemismo da perna.

Luar: — rio francês que se pode ver em toda a parte.

Bossas: — protuberâncias no crânio, onde nunca se demoram os ratoneiros, porque as passam. Verdade é que tem medo de passá-las sozinhos; passam com — C — cedilhado.

Beijo: — principio fim.

Carraspana: — forma popular do good spirit.

Olhos: — batedores do coração.

Dois proprietários:

— Não há como as salas pequenas com seus tetos baixos e naturalmente pequenos. Eu não posso olhar para um teto grande e alto.

— Eu sou justamente o contrário; para mim, um teto deve ser um arquiteto.

No Jornal do Comércio de quarta-feira dá G. F. a Ti o seguinte aviso:

“Ontem te passei uma carta dentro da grade: desejo saber se a recebeste.”

Esperei ansioso o Jornal de quinta-feira para ver a resposta de Ti e ficar tranqüilo a respeito da sorte de G. F.

Céus! Nem uma linha.

Em compensação, se não achei a resposta que esperava, achei estas poucas linhas merecedoras de atenção: é uma despedida.

N.

Não te posso mais escrever, apanhei agora este meio para te dizer que decididamente temos que nos separar para sempre, esquece o meu juramento, não desejo dar desgosto a minha mãe, quando eu tenha idade e tu saúde e emprego honesto, então veremos. M.

Peço desculpa à menina M.

S. Excia. parece-me extremamente fácil em despedir o namorado.

Em primeiro lugar participa aos leitores do Jornal que ele é doente e tem um emprego desonesto. Que emprego será?!

Isto é o menos:

O mais é isto:

A menina M jurou ao seu N amá-lo eternamente como essas coisas se juram.

Devo crer que falava com toda a sinceridade do coração.

Mas sua mãe opõe-se ao casamento; o caso é grave; ela é sua mãe; viu naturalmente que o emprego do namorado é desonesto e que este de mais a mais não tem saúde.

Que faz a menina M?

Diz ao namorado: “esqueça o meu juramento.”

E dadas tais circunstâncias,

“Então veremos!”

Pedir-lhe que esqueça o juramento é já muito; mas o “então veremos” permita-me S.

Excia. que lhe diga, e que lhe diga a francesa: c'est raide.

Equivale a dizer:

“Se daqui até lá eu não tiver outro namorado, e se você já estiver curado e honestamente empregado, então pode ser que a plausibilidade de uma esperança vaga e toda conjectural nos reúna outra vez.”

Queira perdoar se me engano.

Acabava de escrever estas linhas quando me caiu à mão o Jornal do Comércio de ontem.

N aceita a despedida; declara, porém, que não se esquecerá dela nem do juramento.

Com razão; vê-se que ama. Poderia acrescentar que a primeira a não esquecer o juramento devia ser ela.

Em todo o caso desejo que sejam felizes, que volte a saúde ao namorado, que nela não se apague a lembrança dele, e que, vencida a repugnância da mãe, ambos se casem e vivam muitos anos.

3 DE NOVEMBRO DE 1872.

Em que cidade estamos?

A câmara municipal diz-me, afirma-me, convence-me de que estamos no Rio de Janeiro.

Os polemistas políticos, entretanto, só me falam de Roma.

Roma para aqui, Roma para ali. O Jornal do Comércio só é nosso em pouca coisa; quase tudo é discutir a cidade eterna, não a moderna, mais a outra.

Qui nous delivrera des Grecs et des Rornains?

O caso é que eu já não estou certo se sou um badaladeiro fluminense ou simplesmente o flautista Ambrosius.

Tanto me romanizaram que eu penso vestir a toga quando envergo a casaca ! Há dias mandei uma carta ao livreiro Garnier, via Appia. O correio não hesitou; foi levá-la a Niterói.

E a cadeia velha? Não há nada que se pareça menos com o Capitólio; entretanto, quando agora ali passo, parece-me sempre que estou a ver a sombra dos gansos.

— Quando vai para baías? Perguntei eu a um amigo.

— Serei eu cavalo?

— Perdão; pergunto quando vai para Petrópolis.

Não me admirará, pois, se o leitor também andar atarantado com estas transformações.

A culpa não é minha nem dele, é da política.

Trata-se de saber, em primeiro lugar, se isto é Roma; em segundo lugar, se Roma foi uma nação imitável.

Dividem-se as opiniões; uns dizem que não, outros dizem que sim; alguns não dizem sim nem não; outros dizem sim e não; não falta quem diga sim-não, à maneira homem- mulher.

E não se me dará de apostar dez mil sestércios em como uma parte dos leitores é desta última categoria.

Efetivamente em alguma coisa havemos de parecer-nos com os romanos, quando mais não seja, na língua,

... na qual, quando imagina,

com pouca corrupção crê que é latina.

Ao mesmo tempo em alguma coisa há de haver diferença entre eles e nós.

Pela minha parte, afirmo que estive ontem com Lucullo.

Esse apreciador de bons manjares conversou comigo mais de uma hora. Éramos três e uma moça. A moça tinha ao ombro um pombinho ainda mal empenado, desses a que chamamos borrachos.

— Oh!Coitadinho! disse eu.

Lucullo juntou os dedos da mão direita, levou-os assim à boca, estalou um beijo e exclamou:

— Isto com ervilhas! ...

Mas nem Lucullo nem os escritores romanistas dão assunto cabal para a crônica.

.....  
E a propósito de loterias.

Aqui mesmo, há anos, tive ocasião de notar que algumas irmandades embaçavam a lei, vendendo um bilhete singular. Não diziam que em tal data o portador do bilhete teria de ser inscrito como irmão, e desde já lhe ficava marcado a jóia de tanto.

Vêem os leitores que há duas coisas aqui repreensíveis.

A primeira é embaçar a lei.

A segunda é ... como direi? ... é pregar uma peta, o que, se é mau num homem do mundo, deve ser péssimo em pessoas que ocupam os lazeres no serviço divino.

Mas provavelmente o que eu então disse mereceu o mesmo sorriso que há de agora assomar aos lábios do leitor, mau sintoma, porque o desprezo da lei não é romano nem revela saúde.

Não é romano, mas revela alguma saúde o contrato teatral que o presidente da Bahia acaba de celebrar com uma empresa.

Um dos artigos estabelece, entre as obrigações da empresa, esta:

“8.o — Auxiliar quanto lhe seja possível o Conservatório Dramático para a fundação de uma escola que eduque e instrua as pessoas de ambos os sexos que se quiserem dedicar à arte dramática, prestando-se ele, empresário, e seus artistas a ensinar gratuitamente durante este contrato qualquer matéria para que o mesmo Conservatório julgue-os, e dar outrossim, até dois espetáculos em favor da dita escola, quando criada.”

Desta maneira temos a Bahia com uma escola dramática meio fundada, enquanto a capital do Império está ainda num doce desejo, numa vaga esperança.

A escola, não só tem a vantagem de educar os atores, mas também a de atrair vocações. Escola não temos; vocações novas creio que não aparecem; não as há pelo menos dignas de futuro.

Estamos, portanto condenados a ver desaparecer o cenário atual, sem outro que o substitua convenientemente.

Venha o remédio; empreguem-se os recursos da medicina.

Mas o leitor está achando isto muito grave, e pergunta-me naturalmente, ao ler a palavra medicina, se eu conheço a sua etimologia.

Por que não?

A etimologia de medicina é, como acontece com outras palavras, uma lenda.

Conta-se que, no tempo do rei Numa, o corpo médico era composto unicamente de coveiros, regidos por um coveiro-mor, chamado Cinna, avô, dizem, da tragédia de Corneille.

Adoecia um romano (eterno romano!) iam os coveiros a casa do doente medir-lhe o corpo para abrir a sepultura.

— Mediste, Caio? Perguntava o chefe.

— Medi, Cina, respondia o coveiro oficial.

Daí, etc.

Agora o que não é lenda, mas coisa muito real, talvez realista, é este aviso de um N a uma N:

“N...

“Não é possível nos dias que dias que marquei segunda-feira, por caso de força maior; no dia que tiver lugar que te disse, de novo te comunicarei por este meio. Estarás de saúde? Sempre teu até a ...”

“P.S. — Lembranças. — N.”

Até à morte, queria ele dizer, mas parece que não quis comprometer o futuro.

Não sei se sabem que estamos com a perspectiva de ouvir sinos por música.

Vejo no Jornal do Comércio que uma pessoa, recentemente chegada, se oferece para dar-nos este melhoramento.

Realmente, com as tendências musicais que temos, não é mal ouvir sinos por música.

Mas que música será? Sacra ou profana? José Maurício ou Carlos Gomes?

Não sei se faria bom efeito o Addio del passato executado nos sinos de S. José;

mas estou convencido de que os dobres das dez horas da noite, com que ainda nos matraqueiam a cabeça, podiam ser substituídos pelo Bonne Nuit, da Grã-duquesa ou o Bonsoir, Mr. Pantalon.

Em todo caso venha o melhoramento.

Dr. Semana.

29 DE DEZEMBRO DE 1872.

Enfim, está, pois pelas costas este ano de 72, que não foi, como aquele de que falava o Garrett, “inútil como um cônego.”

Não foi.

Quando mais não desse, deu as nossas eleições, com acompanhamento de tiro, como as do Ceará, ou simplesmente de rolo, como as da Corte.

Nada me alegra mais do que este exercício da soberania nacional... no papel; é verdade, no papel, apesar de não saber ler a soberania nacional.

Deus traga a reforma. Se não der tudo (e é difícil que dê metade) estamos esperando que dê alguma coisa. Façam os legisladores uma obra que não seja o mesmo peixe com outro molho. Não é do molho que nos queixamos, mas do peixe, e sobretudo das espinhas.

E se algum legislador me der a honra de ler estas linhas, e torcer o nariz, como quem estranha que eu meta nestes assuntos a minha colher queimada, peço a palavra para responder com esta razão decisiva:

A minha cozinheira Celestina é apenas cozinheira, aliás, perita, e, todavia.. .

E, todavia atreveu-se há dias a explicar a trovoada ao meu moleque. Verdade seja que o fez nestes termos:

— A trovoada são os astros quentes que se encontram com os outros frios.

Nem é só dada a estes estudos. Tem seus laivos de poesia entre a carne e a batata.

No meio das preocupações culinárias brota-lhe não raro a flor da inspiração.

Houve ultimamente belas noites de luar. Uma, sobretudo esteve maravilhosa. Que admira que a dita cozinheira se extasiasse ante esse espetáculo a um tempo delicioso e solene?

— Que noite! (exclamou ela). As ondas estão tão quietas! tão pequenas! Parecem passarinhos. Que artista seria capaz de fazer assim.. . uma peça de chita ?

Ora, se a cozinheira Celestina podia assim explicar a trovoada e comentar a natureza, entendi que alguma coisa podia ela dizer igualmente da política, e firme nestes princípios (frase parlamentar), perguntei-lhe que pensava de uma câmara. Direi a resposta da interessante senhora, não sem pedir aos leitores que lhe não torçam o nariz, em primeiro lugar porque nariz torcido fica muito feio, e depois porque da cozinha pode nascer uma boa idéia, ex fumo dare lucem.

— A cambra é como o outro que diz a cozinha. A diferença a que eu preparo a janta e os deputados preparam as leises. Meu amo às vez não gosta de uma ou outra comida, porque não saiu bem feita; as leises o mesmo. A diferença é que meu amo ralha comigo, e a cambra é que ralha com meu amo. E se meu amo, que me paga, não apreciar o meu cozinhado, faz-me sair de casa; não faz o mesmo com as leises; se meu amo não as achar boas, se estiverem ensossas, ou tiverem sal de mais, ou saírem cruas, meu amo há de tragá-las, muito caladinho...

Aqui tive pena da ignorância da pobre velha e desci da augusta indiferença com que a ouvia, dizendo-lhe:

— Sim, mas tenho o voto nas eleições...

Celestina pediu-me respeitosamente licença para rir. Admiti essa liberdade ela gargalhou uns dois ou três minutos e continuou:

— A eleição a como se meu amo, enfadado da minha janta, fosse pedir ao padeiro da esquina que influísse no caixeiro da venda para me dar uma repreensão.

Observei a Celestina que a sublimidade do meu espírito não podia compreender uma parábola tão rasteira.

Ao que ela respondeu pondo as mãos nas ilhargas:

— Que faz meu amo na eleição? Vota num homem porque tem o nome comprido, e esse vota n'outro porque tem o pescoço curto. Ora, meu amo, que tem as costas largas, fica como se lido tivesse vot...

A chegada do meu amigo Bento interrompeu esta conversa culinário-política.

Não é pessoa de cerimônia o meu amigo Bento; veio visitar-me; e companheiro de longos anos.

Antes de me despedir dele, contarei ao leitor um trocadilho que ele fez sem querer, só porque emprega erroneamente uma locução.

Achou-se há dias na polícia e ouviu falar de uma mulher que deu uma facada num homem. Facadas (pecuniariamente falando) levá-las qualquer homem; mas aquela não foi no sentido metafórico, senão no natural.

Todavia (e aqui se patenteia o coração do meu amigo Bento) ouviu falar que a mulher recorrera àquele expediente eleitoral porque o dito homem, desprezando o seu amor, andava cortejando uma viuvinha.

Bento quis a todo transe contemplar essa vítima do amor. O delegado de polícia mandou-a buscar. A vítima subiu ao gabinete.

— A senhora é que é a ré? Perguntou o meu amigo Bento com ar compungido.

— Sim, senhor.

— Tenho do de si!

Livre da Celestina e do Bento, fui examinar os jornais de S. Paulo, que nesse instante chegaram do Correio.

Rompo cuidadosamente o selo, que estava limpo e me podia servir noutra ocasião (. . . , que toma o nome de economia), abro uma folha, e que hei de ver, leitor ?

Um artigo em prosa e verso do nosso conhecido poeta e literato Martins Guimarães.

Li-o de um trago.

Quanto a falar dele há de ser no ano novo.

Não se guardam vinhos novos em odres velhos. Há escritos que requerem anos novos; sim, leitor, anos novos, muito novos, anos em flor.

Dr. Semana.

## 2 DE MARÇO DE 1873.

la começar estas badaladas com algumas reflexões acerca da Batalha de Aquidaban, cujo aniversário foi ontem, quando recebi da Eternidade uma carta importante, assinada por um nome ainda mais importante do que ela: uma carta de Montesquieu.

A carta vinha acompanhada de um bilhete, que dizia assim:

“Dr. Semana. — Dê-me um cantinho de seu jornal e insira nele a carta junta, favor de que lhe será grato o seu constante leitor. — Montesquieu.”

Não hesitei um momento; mandei inserir a carta que o leitor verá com olhar de respeito e veneração; ei-la:

### MONTESQUIEU AO SENADOR JOBIM

Eternidade, sem data.

Exmo. Sr. — Acabo de ler o discurso que V. Excia. Proferiu há dias no senado brasileiro, e conversando com os meus amigos, patrícios e co-imortais Voltaire e Rousseau, fomos de opinião que é um discurso digno de ser lido, meditado e comentado.

Verdade é que o nosso Voltaire — sempre brincalhão e sarcástico — ao passo que lhe teceu grandes louvores, fez um reparozinho de má língua. O exemplo foi contagioso, e o nosso Rousseau fez outro, o que me obrigou também a fazer um terceiro, sem que todos três valham um cominho.

Que quer Exmo.sr.? Em alguma coisa se há de ocupar a eternidade. Há lá nesse mundo quem se afadigue em matar o tempo. Oh! Se soubessem o que é matar a eternidade! O tempo, Sr. Senador, não é preciso matá-lo; ele morre por si mesmo. Não se lembrará V. Excia. Daquele verso do nosso Racine, creio eu:



Le moment ou je parle est déjà loin de moi.

Pois aí tem a imagem do tempo. Que necessidade há, pois, de matar um sujeito que nasce caduco e vive a morrer? A eternidade é outra coisa; é a presença constante e impassível de uma coisa que nunca mais acaba e isto é o que se deve entreter com palestras, leituras e reflexões.

Líamos, pois, o discurso de V. Excia., e refletíamos a respeito das suas várias doutrinas, quando o nosso Voltaire, entrando no ponto em que V. Excia. fala das relações entre os climas e os governos, exclamou:

— Cite o autor!

E dizendo isto piscou o olho a mim e ao João Jacques, dando a entender que eu, primeiro, e ele depois trataríamos da teoria expendida anonimamente por V. Excia.

O João Jacques riu-se a bandeiras despregadas. Eu, porém, tomei defesa de V. Excia. como me pediam a verdade e a justiça.

— O senador Jobim, disse eu, pode estar obrigado a não citar o autor; pode ser que fosse tirar a idéia da algibeira de Aristóteles, e que Aristóteles lhe recomendasse o mais profundo silêncio. Aquele grego é um bom homem; socorre a muita gente nas suas precisões; e eu mesmo (não é por me gabar) obedeço ao evangelho, não sabendo muita vez a minha esquerda o que a minha direita distribui.

Voltaire — le petit Arouet, como lhe chamamos aqui — ia abrindo a boca para falar, mas eu fiz-lhe um sinal e continuei assim:

— Demais, a teoria dos climas na mão do Sr. Jobim apresentou-se com roupagens novas. A idéia de que a imaginação é incompatível com a eleição direta é absolutamente nova debaixo do sol. A afirmação de que “nos países do norte não há governo que se anime a praticar nenhum atentado contra a razão e a justiça”, transtorna algumas idéias recebidas na história. Mas que é tudo isso senão o cunho da originalidade do orador? Os dois filósofos calaram-se, vencidos pela minha demonstração. Mas não foi longo o silêncio. Rousseau, que lia para si o resumo do discurso, bateu com a mão no joelho e exclamou:

— Cite o autor! Cá está mais uma:

“. . . Os homens bons assustam-se, e antes querem um leão que os devore, que um milhão de ratinhos que os roam!”

— Isto é meu! acudiu Voltaire, dando pulo.

E depois de ler:

— S. Excia. honra-me muito fazendo suas as minhas palavras, mas era justo citar o meu nome, e bem assim transcrever-me fielmente. O que eu disse foi: —“J’aimerai mieux vivre sous la patte d’un lion, que d’être continuellement exposé aux dents d’un millier de rats.” Foi isto o que eu disse; e pode ser que no Brasil, quem não cita exatamente as palavras de outro, esteja dispensando de lhe citar o nome. Em todo caso não tira isso o mérito do discurso. . .

Aqui, Exmo. sr. meti-me eu também a censor, mais por brincar que por outra coisa, e sobretudo levado pelo mau exemplo dos dois filósofos. Lia o discurso e dei com isto: “Essa outra invenção, também imensamente ridícula, — o rei reina e não governa. É um trocadilho insuportável, e que foi inventado na França pelo Sr. de Narbonne...”

— Agora citou o Sr. Jobim, disse eu, mas creio que citou erradamente. O aforismo é do Sr. Duvergier de Hauranne, se não estou enganado . . .

— Seja como for, não se pode negar o mérito do discurso.

— Não se pode, repetimos nós!

E aqui tem V. Excia. fielmente contada a nossa conversação a respeito do discurso de V. Excia. Sinto havê-lo lido em resumo, mas pelo resumo se admira a íntegra.

Nós aqui, Exmo.sr., apreciamos e lemos tudo o que se diz nas câmaras brasileiras. Lá de longe em longe levamos uma estopada; mas se esse mundo é de compensações, não menos o é esta eternidade em que vivemos, e onde me acho ao seu dispor, como quem é

De V. Excia.

Atento venerador e criado muito obrigado,  
MONTESQUIEU.

Ando há dias a perguntar a toda a gente se é certo que no teatro de Pedro II apareceu um dominó (imitação de outro que, a serem verídicos os jornais, apareceu este ano em Paris) com uma inscrição singular nas costas.

Ninguém me sabe responder. Seria peta ou só encontro as pessoas que o não viram?

Dizem-me que era um dominó azul com fitas amarelas; nas costas trazia um letreiro assim:

P

A

Mais de um quis decifrar o enigma e nada. Afinal um bom velho, Champolion do Carnaval, deu com a chave do mistério, e leu: Allons souper (A long sous p).

— É, respondi, dando-lhe o braço.

— Há na rua Uruguaiana um botequim francês com uma tabuleta em que se lê:

CAFÉ  
DE  
ALSACE  
ET  
LORAINE.

Com este cotilhão termino o meu sarau.

Até domingo.

Dr. Semana

1o. DE JUNHO DE 1873.

Hoje a minha primeira palavra é de agradecimento. Agradeço ao Sr. deputado Araripe o haver perfilhado a reflexão que fiz acerca do nome da nova província, e proposto na câmara outro nome menos sujeito a confusões.

Não sei se passará a emenda; mas ao menos se algum dia ouvirmos na câmara um destes rasgos de eloquência:

— Senhores com orgulho o digo: um franciscano não receia comparações.

Se algum dia um presidente da nova província, em caso de guerra, chamar os seus povos com este melodioso verso:

“Franciscanos, surgi! eia! sus!”

Se algum dia um tradutor francês, levado pelo equívoco do nome, exclamar espantado:

“C’est à ne pas y croire! Le Brésil compte encore quatre-vingt-dix-neuf-mille franciscains.

Combien faut-il des couvents pour tous ces gens-là? ”

Se tudo isto acontecer, e mais alguma coisa, nem o Sr. deputado Araripe nem eu temos culpa ambos demos aviso do mal.

Espero que o leitor nada me peça acerca do tumulto do Recife, que provavelmente condena, sobretudo se é maçom. Se a vitória da maçonaria estava longe de ser segura, creio que agora é ainda mais duvidosa.

Demais, o pau como pau é sólido, ou pode ser sólido; como argumento, é fraco.

O soco não é um silogismo perfeito; o cascudo é uma demonstração profundamente medíocre.

Bem sei que em certos casos a gente perde as estribeiras. Felizes os pachorrentos que nunca se abalaram por nenhuma coisa neste mundo. Mas, em suma, a razão devia dominar os fiéis de Pernambuco; eles deviam esperar até o fim.

E já, que, sem querer, dei opinião acerca dos amotinados, quero ser justo dizendo o que penso do Sr. bispo naquela ocasião.

S. Excia. fugiu para Olinda. Pois perdeu uma ocasião única de comentar brilhantemente o seu zelo, que era ficar no lugar do perigo, cair defendendo as prerrogativas do cargo, confessar a fé, mostrar-se ainda mais digno do nome de cristão. O fugir é vulgar, é ordinário, é nimamente terrestre, é João Antonio, é qualquer coisa, é o leitor, é este seu criado.

Que iam fazer os amotinados a Soledade? Iam desferrar-se de uma decisão espiritual do prelado. Era ocasião única de mostrar a sinceridade do zelo e a tranqüilidade da fé. Por isso, do mesmo modo que estranho o movimento, estranho a fuga; e deixo este ponto para apresentar aos leitores o Sr. Carvalho.

O Sr. Carvalho é poeta, e poeta religioso. Até aqui tudo vai bem. Não direi que seja tão grande como o padre Caldas; não é, mas por causa do gênero. O Sr. Carvalho cultivava um gênero mais seu que de ninguém.

Acho-me aqui diante de uma saudação a Pio IX, cuja primeira estrofe acaba assim:

Pensai, maçons; tremei, ímpios!

Tremei, malditos ateus!

Toda poesia revela que os sentimentos de piedade do poeta são sinceros, mas que as leis poéticas da obra são. . . um tanto especiais. Esta estrofe, por exemplo, é galante:

Salve! constância divina

Circunscrita ao Vaticano!

Vítima santa imolada

Ao ímpio furor humano!

Salve, Pontífice excelso,

Prodígio? . . .divino arcano! . . .

O principal é o fim; a chave é de ouro. Estou que o Santo Padre não aceita a idéia do poeta. Sabe o leitor católico, que Jesus Cristo perdoou aos judeus que o crucificaram, exemplo de misericórdia e mansidão, que o poeta duvida se pode ser dado por Pio IX.

Para melhor entender a coisa, transcrevo a estrofe:

E perdoa, se é possível,

Aos vis, aos novos judeus,

Que em ti não reconhecem

Um enviado dos céus!

Se é possível!

Estou convencido de que o Papa não aceita o condicional. Reclama naturalmente contra os invasores dos seus Estados; mas perdoar-lhes, quem poderá duvidar disso?

Os versos do Sr. Carvalho levam-me a pensar na mentira que todos os dias anda nos nossos lábios.

Nós dizemos: perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores. Peta! Ninguém perdoa aos seus devedores. O meu alfaiate não me perdoa um fio de pano; o sapateiro não me perdoa um tacão de bota. Ninguém perdoa nada.

Será das dívidas morais, as ofensas? Isso é dívida que não prescreve. Um credor ainda perdoa. . . quando o devedor lhe não paga ou morre sem herança. Mas o sujeito a quem chamei tolo, a moça que me ouviu dizer que era vaidosa, esses rezam o seu padre-nosso, mas não me cumprimentam.

Nós temos todos assim uma humildade de liturgia, uma singeleza de vocábulo. É por isso que eu entro em dúvida se ainda há cristãos neste mundo. Penso que, se os há, estão escondidos, ou pelo menos andam incógnitos.

Agora, vamos fechar isto com a chave de ouro do costume.

Conhece o leitor o Sr. Pedreira Braga? É um poeta, um poeta nestes dias de prosa. Tem escrito versos mui apreciados, entre outros uns em louvor das bibliotecas, obra de rara energia e harmonia.

Seus versos não são esses versos chatos, incolores, amarelos com que nos andam a amolecer os ouvidos alguns aspirantes ao petrarquismo. Pelo contrário, são fortes e duros como o bronze, vastos como a amplidão, revelando a cada instante uma novidade de idéia, uma originalidade de vocábulo, o que tudo prova a altura do seu talento e o grande futuro da sua inspiração.

Aqui tenho diante de mim três estrofes, três pérolas, três diamantes da melhor água. A um poeta morto é o título; e vale a pena morrer para inspirar tão gentis pensamentos. O Sr. Pedreira Braga não é certamente o nosso Victor Hugo, mas sente-se que aspira a alar-se às alturas do poeta das Contemplações.

Quem já compôs entre nós estrofe semelhante a esta?

Poeta: eras eleito! Com a essência de um arcanjo  
Em ti Deus misturara o espírito de um Vagre:  
Respira, pois, que a glória é a mesma: é sempre o anjo  
Que a cada Cristo oferta um cálice de vinagre.

Vinagre é um vocábulo pouco suscetível de rimar em poesia elevada; o Sr. Braga, porém, o fez com admirável tento. Foi buscar Vagre, rima natural, adequada ao assunto, séria e perfeita.

2.a estrofe:

Chegaste ... E de momento medindo a longa estrada...  
Lançaste após a idéia a caça da, verdade :  
Mas, se cedo caíste . . . Da morte na jornada  
Bateste numa porta... abriu-se a Eternidade.

Aqui se pode dizer que, indo o poeta na jornada da morte, e batendo numa porta, era difícil que se lhe abrisse outra que não fosse a eternidade. Mas essa razão, excelente na prosa, não vale nada na poesia.

3.a estrofe:

E Deus em tua campã afunda um horizonte!  
E é sobre campãs tais que o seu esplendor vela!  
Se além, como um cometa esfera-se uma fronte,  
Do caos sai uma esponja e apaga a enorme estrela.

Esta última estrofe, melhor direi estes dois últimos versos, não os recusaria Victor Hugo.

O próprio Milton, o próprio Dante, apesar de autores de grandes imagens, deixariam de invejar esta.

Vê-se daqui: a fronte esfera-se; é um cometa. Mas há lá no caos uma esponja, a terrível esponja do infinito; essa esponja sai, cai sobre a estrela, que a enorme, e apaga-se.

Tudo isto é rápido, como a idéia que exprime.

Poetas juvenis, imitai versos destes. Deixai essa poesia desmaiada, essa poesia de soro de leite; sede fortes, altivos, grandes, desafiái as esponjas do caos. Não há esponjas do caos quando se escreve um nome nas Tábuas do Infinito, com a Penna enorme do Querer. Subir é a aspiração suprema da ave Mocidade; o Gênio é a Asa multicolor da inspiração ; nada vale Nada, por que Tudo é tudo.

Dr. Semana.

## CAPÍTULOS DOS CHAPÉUS

2 DE FEVEREIRO DE 1873.

Hipocrate dit . . . que nous nous couvrons tous deux.

Geronte

Hipocrate dit cela?

Sganarelle

Oui.

Geronte

Dans son chapitre. . . dès chapeaux.

Molière: Le médecin malgré lui.

Act. II, sc. II.

Até sábado passado, às 11 horas menos cinco minutos, o chapéu era uma criatura ilibada. Não constava na política um só crime do chapéu. O júri não via comparecer o chapéu à barra do seu tribunal. As rebeliões faziam-se muitas vezes com o concurso das bengalas, mas sem intervenção do chapéu. O chapéu era austero; pode-se dizer que era o Sócrates do vestuário.

O que ele fazia era obedecer a Hipócrates, segundo Sganarello; cobria o homem. Não tinha outro ofício. Cortejava os conhecidos; ia na mão, quando o mortal, seu dono, entrava na igreja ; pendia quietamente à porta das fábricas.

Sua neutralidade na política era tal que os homens viravam a casaca, mas não consta nunca que mudassem o chapéu. Ele servia a todos com a mesma solicitude. Era desdém ou servilismo? Não sei; mas a verdade é que era assim.

Mas chegou o dia de sábado 25, caiu a noite, tocou o sino das dez, os relógios marcaram 15, 30, 55 minutos, momento fatal, em que o chapéu se afundou no abismo de todas as iniquidades.

Foi o caso. Os espectadores do Fênix gostam da atriz Jesuína, no que lhes acho razão, porque nada perdeu do talento de outrora.

Houve uma ocasião em que o entusiasmo subiu de ponto: foi às 10 horas e 55 minutos.

Trovejavam as palmas e os bravos, e então (ó assombro!) dez ou doze chapéus caíram aos pés da atriz.

Dizer o pasmo, a indignação, a cólera muda que se desenhou em todos os semblantes

seria coisa digna da pena de um Tácito ou da lira de um Homero — à escolha. Uns olharam para o teto, outros para o chão, outros para os outros, e todos pareciam pedir uma reparação à moral ultrajada, um castigo a insurreição do chapéu.

Se não quando, quatro soldados correm até a porta da caixa, e os dez ou doze delinquentes (aqui sou obrigado a referir-me a informações) são conduzidos ao xadrez, onde tiveram tempo de refletir nas desvantagens de ir meter o nariz — quero dizer, a aba — onde não eram chamados.

Ora, eu apelo para todas as almas bem nascidas, e intimo-lhes que me respondam se esta correção do chapéu não equivale à passagem do Granico ou, quando menos, à invenção do molliscorium.

Na antiguidade houve igual situação. Dracon (donde fizemos draconiano) apresentava ao povo de Atenas umas leis novas, e quando menos esperava recebeu na cara todos os chapéus do congresso popular. Um espírito esclarecido, como eu imagino que e o meu leitor, liga naturalmente o ato de Atenas com o do Rio de Janeiro. Não digo que haja du Dracon dans la Jesuine; mas o povo fluminense é muita vez consoante do ateniense, e pode amanhã acontecer a um legislador o que hoje acontece a uma simples atriz.

Portanto,

V'la ce qu'c'est !

C'est bien fait !

Fallait pas qu'y aille ! (bis).

Simple observações aos pios franciscanos.

O governo pediu aos franciscanos que recebessem no seu convento alguns enfermos; e os franciscanos perguntaram-lhe a que lhe soube o almoço, resposta tão concisa quão incisiva, e que eu quisera ver gravada em letras de bronze como exemplo a futuros governos e estímulo a vindouros franciscanos.

Não posso afiançar se a resposta foi literalmente aquela; mas, se não foram as palavras, foi o sentido, visto que o efeito da resposta não passou de deixar os franciscanos naquela doce e deliciosa paz d'alma e de corpo, em que vão, arrastando este pesado exílio do século.

Há que diga que esta recusa dos franciscanos não prova amor do próximo nem de Deus. É verdade; mas não há só esses dois amores debaixo do sol. Há outra coisa, quase tão sublime como Deus, e muito mais simpática que o próximo: é a pele. Os franciscanos amam a pele e fazem bem.

Meia dúzia de doentes no seu convento podiam dar-lhes o reino do céu, mas podiam também tirar-lhes o deste mundo, e na opinião dos franciscanos, se o reino do céu é bom, o morro de Santo Antonio não é mau, e sem de todo renunciar a ir gozar lá em cima, desejam ainda por algum tempo engordar cá embaixo.

A conclusão, portanto, é que os franciscanos trancaram a porta à febre amarela, e que a pele de suas paternidades continua a esticar, sem embargo da opinião que o governo, o povo e este seu criado possamos fazer deles.

Eu, às vezes, quando não tenho que fazer, entro a cogitar no que fazem os frades. É positivo que não gastam todo o tempo a rezar; também não me parece verossímil que passam todo o tempo a ler ou dormir. Um Mont'Alverne teria muito em que ocupar o tempo; mas os monges daquela casta não vêm aos cardumes; são raros.

Quando investigo este assunto, lembro-me se passam as horas do dia a fazer charadas ou a passear em cavalinhos de pau. Outras vezes imagino que jogam cabra-cega. Já uma vez acreditei que faziam calemburgos.

E não digo isto por censura; porque se cá fora a vida não chega a netos, não é crível que chegue a netos no claustro. Alguma coisa é preciso fazer para matar o tempo.

S. Paulo, que fabricava barracas de campanha, andava pregando o evangelho, e ao mesmo tempo trabalhando no seu ofício. Tinha um ofício. O ofício do frade é ser frade, coisa hoje equivalente a uma farta aposentadoria. Nem S. Paulo trabalhou para outra coisa, senão para avolumar o cachaço do frade, arredondar-lhe a barriga, florescer-lhe as rosas do rosto. Não trabalhou para que ele morresse de febre amarela. Logo, fizeram muito bem os pios franciscanos. A cozinheira Celestina

Agora que cada médico apresenta o seu remédio contra a febre amarela, não é fora de propósito mencionar um que a cozinheira Celestina descobriu.

O qual foi exposto do seguinte modo:

— Para a febre amarela não há como refrescos e limonadas.

— Limonadas e refrescos? Disse o moleque.

— Sim, senhor; não há como isso. Em 1850 a filha do major B., onde eu estava, caiu com a febre amarela; deram-lhe logo uma limonada, que se foi repetindo de hora em hora. Não tomou outra coisa até o dia em que morreu. A parede dos condutores Mal sabe o leitor o que eu admiro em toda a história da parede que outro dia fizeram os condutores e cocheiros dos bonds.

O que mais me admirou foi (declaração da parte oficial) o estarem os chefes da revolta, às 6 horas da manhã. . . bêbedos!

Admira realmente que a empresa tolere beberrões de tal ordem. Bêbedos às 6 horas da manhã! O que não será ao meio-dia?

Quem os vê no seu ofício durante o dia mal pensa que cada um deles esta já com duas ou três garrafas no bucho. Isso é por força algum segredo de Ayer. Ou então há criaturas que não se embebedam para todos, mas para alguns, ao contrário do sol, que, como sabemos, lucet omnibus.

Humildemente peso ao varonil Greenough haja por despedir esses “embriagados de Efraim”, não só para evitar outras paredes, mas, sobretudo para resguardar a pele dos contribuintes, seus criados. Dr. Semana.